

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E POS GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO A PESQUISA

Trabalho e morte: estudo sobre as condições de vida e saúde dos
coveiros do município de Parintins

Bolsista: Cassia Karimi Vieira Cativo,FAPEAM

PARINTINS

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO REITORIA DE PESQUISA E POS GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO A PESQUISA

RELATÓRIO PARCIAL
PIB-SA/0094/2014
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTIFICA NA UFAM

Trabalho e morte: estudo sobre as condições de vida e saúde dos
coveiros do município de Parintins, FAPEAM
Bolsista: Cassia Karimi Vieira Cativo, FAPEAM
Orientadora: Mcs. Andreza Gomes Weil

Parintins
2015

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela FUNDAÇÃO de AMPARO A PESQUISA – FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais

RESUMO

As temáticas relacionadas ao trabalho ganham foco na atualidade em função das transformações ocorridas no contexto do capitalista e que atingem diretamente a classe trabalhadora. De acordo com Antunes (2009) as repercussões das mudanças no mundo do trabalho têm como pano de fundo a desregulamentação dos direitos, a desarticulação sociopolítica e a precarização da classe que vive do trabalho. Tal realidade é vivenciada por todas as categorias profissionais, entretanto aqueles que trabalham na prestação de serviços sofrem maior impacto. Entre estes trabalhadores identificam-se os trabalhadores de serviços funerários que em geral são estigmatizados e em alguns casos até discriminados pelo fato de trabalharem diretamente com o fenômeno da morte. Tal situação ocorre porque o morrer não é algo encarado com naturalidade pela sociedade em geral. Por outro lado, no momento em que a morte acontece, estes profissionais tem papel fundamental para as questões administrativas e de organização dos serviços fúnebres.

Palavras chaves: Trabalho, condições de vida, Direitos Sociais

ABSTRACT

The thematic work-related gain focus today in the light of changes occurring in the context of the capitalist and which directly affect the working class. According to Antunes (2009) the impact of changes in the workplace have the background of the deregulation of rights, the socio-political dislocation and the precariousness of the class that lives on the job. This reality is experienced by all professional categories, however those work in providing services suffer greater impact. Among these workers are identified funeral services of workers who are often stigmatized and in some cases broken down by the fact that they work directly with the phenomenon of death. This situation occurs because the die is not something seen naturally by society in general. Furthermore, at the time when death happens, these professionals has a fundamental role to administrative and organizational matters Funeral Services.

Keywords:Digger, workingconditions, social rights

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Os tipos de sepultura e o grau de dificuldade..... | 30 |
| Figura 2: sepultura de cimento..... | 31 |
| Figura 3: Exumação..... | 31 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1. Conceitos de informalidade..... | 18 |
| Quadro 2. Perfil dos sujeitos..... | 26 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 08 |
| Objetivos..... | 09 |
| CAPÍTULO 1 - O MUNDO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO | |
| 1.1. Mutações do Mundo do Trabalho | 10 |
| 1.2 A precarização do trabalho: reflexões sobre o lado (in) visível do mundo do trabalho..... | 13 |
| CAPÍTULO 2 - PARA ALÉM DOS MUROS DO CEMITÉRIO: O COTIDIANO DO TRABALHO DOS COVEIROS | |
| 2.1. O mundo além dos muros do cemitério..... | 23 |
| 2.2. O mundo do Trabalho funerário | 27 |
| 2.3. Quem são os coveiros..... | 31 |
| 2.4. O trabalho com a Morte | 41 |
| CAPITULO 3: Reflexões sobre o acesso aos direitos sociais dos trabalhadores coveiros | |
| 3.1. Acesso à saúde e segurança no trabalho..... | 45 |
| 3.2. A (des) proteção social..... | 51 |
| 3.3 As fragilidades da organização sociopolítica..... | 56 |
| 3.4. Perspectivas de futuro dos trabalhadores coveiros..... | 58 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 60 |
| REFERÊNCIAS | 62 |
| | |
| Considerações..... | 35 |
| REFERÊNCIAS | 38 |
| ANEXOS..... | |
| | 39 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como proposta apresentar os resultados da pesquisa de iniciação científica, realizada no cemitério Municipal junto aos trabalhadores de cemitério. Apresenta os impactos do trabalho sobre as condições de vida e saúde dos coveiros do município de Parintins, buscando particularizar seu cotidiano, suas condições de trabalho e os impactos sobre sua saúde, bem como o acesso aos direitos sociais e as repercussões do trabalho sobre sua sobrevivência.

O estudo foi motivado, a priori, pelas aproximações com a categoria trabalho e sua dinâmica no contexto contemporâneo, que atinge diretamente a classe trabalhadora em suas condições de vida. Essas novas formas de gestão, impostas

pelo capital, tem impacto sobre todas as categorias profissionais e se expressam pela precarização do trabalho e desarticulação sociopolítica dos trabalhadores.

Tal leitura proporcionou a relação com a realidade social dos trabalhadores coveiros, que apesar de exercerem uma atividade essencial, vivenciam a precarização em suas condições de trabalho, fatores que impactam na saúde e sobrevivência dos mesmos. Além disso, esses profissionais convivem com o preconceito criado em torno dos trabalhadores que atuam diretamente com a morte e são estigmatizados.

Considerando esta realidade e as observações empíricas acerca do trabalho dos coveiros, foi proposto um estudo junto a estes profissionais que atuam no Cemitério Municipal de Parintins, a fim de identificar os impactos desta atividade sobre suas condições de vida e saúde. A pesquisa será de caráter analítico e direcionada a partir da abordagem qualitativa visando uma análise da percepção dos sujeitos em relação às categorias de trabalho, morte, saúde e direitos sociais. Propõe-se como técnica de pesquisa a entrevista semi-estruturada por meio de formulários com perguntas abertas, grupo focal, caderno de campo que darão suporte para a coleta de dados.

Espera-se com este estudo contribuir para o esclarecimento dos trabalhadores acerca de seus direitos sociais, bem como para o fortalecimento da articulação política deste grupo. Além disso, divulgar para a sociedade a precarização do trabalho vivenciada pelos coveiros, bem como a importância do seu trabalho de forma a despertar no Estado ações que viabilizem melhorias para esta atividade.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar os impactos do trabalho sobre as condições de vida e saúde dos coveiros do município de Parintins - Amazonas.

Objetivos Específicos

1. Desvelar o Cotidiano do trabalho dos coveiros e os impactos de suas atividades sobre sua saúde e segurança;
2. Analisar as repercussões do trabalho sobre as condições de vida dos coveiros - Averiguar as formas de acesso destes trabalhadores aos direitos sociais;
3. Analisar as repercussões do trabalho sobre as condições de vida dos coveiros.

CAPITULO I

MUNDO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO

1.1 As novas percepções em relação ao mundo do Trabalho

A categoria trabalho faz parte do processo sócio-histórico das sociedades. Este permite ao homem a interação com o meio no qual está inserido. É criado e reinventado de acordo com as perspectivas de cada sociedade. Assim, entende-se que cada grupo desenvolve o ato de trabalhar sob diversos ângulos e conseqüentemente as suas formas de produção.

Na concepção materialista da história, o trabalho é visto como a primeira atividade humana pela qual o homem modifica a natureza e a si mesmo, tendo em vista bens e serviços que necessita para sobreviver. Para tanto, necessita dos elementos como a força, os objetos e os meios para melhor concretude da atividade humana.

O trabalho não é apenas a busca das satisfações físicas e biológicas, mas, sobretudo, a busca da satisfação pessoal, da identificação do sujeito como agente ativo e transformador do meio em que está inserido.

Por outro lado, o trabalho que outrora era compreendido como um ato de prazer, de realização humana, hoje metamorfoseou-se para uma atividade exercida de forma compulsória, alienada, vazia. Essa dimensão dúplice e mesmo tempo “contraditória presente no mundo do trabalho que cria, mas também subordina, humaniza e degrada, labora e escraviza, emancipa e aliena, manteve o trabalho humano como questão modal em nossa vida” (Antunes, 2003, 12).

Essa dualidade em que o trabalho exerce torna-se referencia central na vida dos sujeitos, pois não é somente na esfera econômica que os impactos na vida dos trabalhadores irá se manifestar, ao contrário, perpassa a esfera social, psicologia e simbólica, determinando as relações sociais e o desenvolvimento de uma sociedade.

Porém, esse processo de trabalho produz também suas contradições, pois, ao mesmo tempo em que o trabalhador produz riquezas, também se ver estranho a esse processo, ou seja, o que é produzido por ele não é visto como sendo seu produto final, mais como um algo que lhe é desconhecido. Assim, esse estranhamento é fruto de um processo de desigualdades entre as classes, no qual acentuou-se no sistema capitalista de produção, em que a riqueza socialmente

produzida concentrou-se nas mãos de um pequeno grupo de sujeitos, e marginalizando a maioria da população.

O Estranhamento é o afastamento do homem de sua essência humana, é a sua conversão em coisa, sua retificação. Uma sociedade estranhada é uma sociedade que cria, por sua lógica estrutural, barreiras estruturais para o livre desenvolvimento das potencialidades humanas (NAVARRO; PADILHA, 2007, p. 15).

Essas barreiras impostas pela sociedade faz com que o trabalhador vivencie a precarização nas suas formas de trabalho, logo, essa precarização reflete no modo de vida com o qual ele reproduz sua existência, fazendo com que suas potencialidades humanas não sejam desenvolvidas, impondo barreiras para o seu desenvolvimento social, intelectual e humano.

Nos últimos anos o debate em torno das transformações do mundo do trabalho tem se intensificado, autores como Antunes (2003), Alves (2009), Mezsaro (1999), Silva (2009) e outros, apresentam as duas ultimas décadas e inicio deste novo milênio como marcado por profundas transformações provocadas pelo sistema capitalista de produção. Foram tão intensa as modificações, que se pode mesmo afirmar que “a classe que vive do trabalho sofreu a mais aguda crise deste século, que atingiu não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussão na sua subjetividade e, no intimo enter-relacionamento destes níveis, afetou a sua forma de ser”. (Antunes 1997, p. 15)

As crises do capital refletiram em uma múltipla processualidade, pois de um lado houve a desproletarização do trabalho industrial, ou seja, um enxugamento do numero de trabalhadores contratados formalmente e com os seus direitos assegurados, e de outro, uma subproletarização intensificou, já que sem vinculo empregatício intensificou o trabalho parcial, terceirizado, subcontratado que não assegura aos trabalhadores seus direitos sociais, condições adequada de trabalho no qual reflete em sua saúde e suas relações sociais com familiares e amigos.

O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do desemprego estrutural, que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e mais velhos. (ANTUNES, 1997, 42-43)

Essas mudanças ocorridas no mundo do trabalho trouxeram fortes impactos na vida da classe trabalhadora, isto decorre das profundas mudanças nas relações de trabalho existentes entre trabalhadores e patrões, pois com as crises do capital e o processo de reestruturação produtiva, o trabalhador passou a vivenciar o desemprego estrutural, a perda de seus direitos sociais, condições insalubres de trabalho e a precarização de sua vida.

A história dessas crises do capital e com ela a sua reestruturação, ~~são história~~ do próprio desenvolvimento dos homens, seu aperfeiçoamento de técnicas, instrumentos de trabalho, e principalmente refletem no processo de exploração e proletarização destes sujeitos.

Essa proletarização da vida do trabalhador é fruto de um processo de globalização e de uma era cada vez mais tecnológica, na qual acentua as desigualdades sociais, a miséria e tensões sociais em escala planetária na qual reverte-se em movimento de resistência e luta.

Freire discute que:

Os estudos críticos utilizados permitem concluir que a globalização do capital não prescinde do trabalho, mantendo-se a centralidade das relações sociais de produção para o atendimento da vida social, em escala ampliada e diversificada, visíveis nas seguintes expressões do modo capitalista globalizado de produção: criação e reprodução das desigualdades e classes antagônicas; ampliação e diversificação da desigualdade das subclasses, das misérias e das tensões sociais em escala planetária; novas formas de resistências e luta, associadas à nova dimensão de defesa do planeta e da humanidade. (2003, p. 38)

Esses nichos de exploração e precarização da vida humana são reflexo do processo de globalização da sociedade. Logo, as modificações na vida da coletividade são frutos de imposições ideológicas, culturais, políticas, que acentuam ainda mais as desigualdades e modificam as relações de trabalho e o modo de produção de uma sociedade.

No limiar dos séculos XIX, XX e hoje no transcorrer do século XXI, o trabalho não rompeu com o caráter capitalista do modo de produção, ou seja, continuou a produzir para a obtenção de uma maior lucratividade. O que de fato mudou, foram as ideologias e o fetichismo cada vez maior para o consumo de mercadoria, e a produção em escala global, a qual reflete negativamente em problemas ambientais que hoje a sociedade vem sofrendo.

Essa metamorfose que o mundo do trabalho vem sofrendo impacta na vida da classe trabalhadora, “dada pela subproletarização do trabalho, presente nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, “terceirizado, vinculado á economia informal, entre tantas modalidade existentes” (ANTUNES, 1997, 44). A qual será aprofundada no tópico seguinte.

1.2 A precarização do trabalho: reflexões sobre o lado (in) visível do mundo do trabalho

A década de 1960 foi porta de entrada para importantes mudanças no cenário econômico mundial. Esses vestígios apontavam para uma crise que refletiria em todo processo econômico e social dos países, pois suas raízes vinham de profundas “crise secular de produtividade que resultou do excesso constante de capacidade e de produção do setor manufatureiro de capacidade e de produção de setor manufatureiro internacional”. (ANTUNES, 2003, p. 32)

Assim, essa produção começou a dar sinais de esgotamento, causando crises ao redor do mundo, sendo necessário pensar em soluções que pudessem reviver o mercado financeiro, estratégias que trouxessem de voltas os lucros e a produção do capital.

Para Alves a acumulação flexível seria:

Portanto, a acumulação flexível surge como estratégia corporativa que busca enfrentar as condições crítica do desenvolvimento capitalista na etapa da crise estrutural do capital caracterizada pela crise do sobreacumulação, mundialização financeira e o novo imperialismo. Constitui-se em um novo ímpeto de expansão da produção de mercadorias e de vantagem corporativa na concorrência internacional que se acirra a partir de meados da década de 1960, compondo uma nova base tecnológica, organizacional e sociometabolica para a exploração da força de trabalho. (2011, p.13)

A crise do capital trouxe sérios problemas para a economia mundial, a superprodução sem escoamento gerou desemprego de forma estrutural. As medidas para combater essa crise foram traçadas a partir de um novo modelo de gerenciamento da produção, novas bases tecnológicas e conseqüentemente um novo modelo sociometabolico para a exploração da mão de obra do trabalhador.

Esta iniciativa de estabelecimento de um novo equilíbrio instável, organizou o papel das forças produtivas na recomposição do ciclo de produção do capital, refinancieirizou-o, como também modificou os novos modos de oferta e serviço e as

formas de comercialização, a qual teve forte repercussão na classe trabalhadora. Assim, “repercutiu na obsolescência de atividades e qualificações, na exigência de um perfil de trabalhador polivalente, capaz de operar várias máquinas e utilizar de modo mais intenso a sua capacidade intelectual e outros” (Silva 2009, p. 71)

No Brasil essa reestruturação ocorrerá a partir da década de 1980 nas indústrias automobilísticas, que passaram a implantar novas políticas organizacionais em suas empresas e nas linhas de produção. “Esse processo orientou-se pelo propósito de ampliar a capacidade competitiva das empresas nacionais em um cenário internacional de forte concorrência e crescente instabilidade econômica” (SILVA, 2009, p. 82).

Contudo, é no governo de Fernando Collor e depois Fernando Henrique Cardoso, que esse processo irá se intensificar através de políticas neoliberais e da privatização de bens públicos. A classe trabalhadora passa a sofrer com a perda de seus direitos sociais, subproletarização, desemprego estrutural e outros.

Esses processos combinados ocorreram sob condições subordinadas e implicaram mudanças no mundo do trabalho, que contribuíram para o aprofundamento das desigualdades sociais, devido ao aumento da concentração de renda, ao aprofundamento do desemprego e a precarização do trabalho e a queda da renda média real dos trabalhadores. A combinação desses elementos promoveu a expansão da superpopulação relativa ou do exército industrial de reserva no país, elevando assim os índices de pobreza e os níveis de vulnerabilidade social da classe trabalhadora. (SILVA, 2009, p. 83)

Essas mudanças pela qual o país passou e continua a vivenciar contribuíram para o aprofundamento da questão social no país, pois com a distribuição da riqueza de forma desigual, o desemprego estrutural, a precarização do trabalho promoveu mudanças dolorosas para esses sujeitos.

Galeazzi (2006) argumenta sobre a precarização do trabalho como uma das situações laborais que se tornaram expressivas nesta nova sociedade neoliberal. Assenta-se no bojo da redução dos direitos sociais, condições inadequadas para o desenvolvimento produtivo desses trabalhadores e, conseqüentemente gerando riscos à sua saúde. Logo, “trabalho precário” está associado a quatro características principais, a saber: I – insegurança no emprego; II – perdas das regalias sociais; III – salários baixos; IV – descontinuidade do tempo de trabalho” (SÁ, 2010, p. 02).

Esta compreensão sinaliza para a ideia de que o trabalho precarizado se opõe aos padrões formais e tradicionais de contratação de pessoas, pois na

precarização laboral o trabalhador não possui um contrato formal que lhes assegure direitos sociais (férias, FGTS, aposentadoria e outros), ou uma determinação específica do tempo de execução de suas tarefas e saúde de qualidade.

A precarização laboral tem surgido como uma preocupação para a sociedade contemporânea, pois não diz respeito apenas às formas de contratações dos trabalhadores, mais refletem principalmente no modo de vida a qual eles estão vivenciando, ou seja, “esse deslocamento do desenvolvimento para a luta contra a pobreza, faz com que o emprego deixe de ser uma questão econômica para ser uma questão social, sem que a racionalidade do capital em nada se altere” (TAVARES, 2002, p.19).

Desse ponto de vista, é possível perceber a dinâmica na qual os trabalhadores estão envolvidos, trabalhando cada vez mais para a manutenção e a (re)produção de capital, porém, sem que ocorra a distribuição igual entre as partes, refletindo de forma precária em suas condições de subsistência.

Nesses termos, Marx apud NAVARRO; PADILHA (2007, p. 15) enfatiza que:

O trabalhador se torna tão mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a *valorização* do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz só mercadorias; produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na proporção em que produz mercadorias em geral (grifo do autor).

O trabalhador passa a produzir cada vez mais riqueza para os proprietários dos meios de produção e neste processo consolida ainda mais o antagonismo de classes sociais, e percebe as riquezas que produz como algo que não lhe pertence e está distante da sua realidade.

Contudo, para o capital o objetivo principal é sua supervalorização, ou seja, a produção de mais valia e a maior exploração possível da classe trabalhadora pelo capitalista. Para o trabalhador por sua vez, isto reflete na precarização de suas condições de trabalho e de sua vida familiar, pois a “precarização do trabalho e precarização familiar são indissociáveis”. (HIRATA, 2011, p. 16)

O trabalho precário conduz à intensificação do trabalho, porque há uma ameaça sobre os trabalhadores estáveis dos que estão desempregados e que procuram trabalho, e estão dispostos, de certa forma, a aceitar condições salariais e condições de trabalho mais difíceis e mais penosas.

Ao mesmo tempo, essa intensificação é também o resultado das novas formas de organização do trabalho e da produção. Trata-se de organizações flexíveis do trabalho e da produção, essenciais para a própria reprodução do sistema de trabalho e de emprego no momento atual. (IBIDEM, p. 17)

Em meio a este processo, estabeleceu-se um paradoxo na sociedade, no qual o mercado de trabalho absorve mão de obra destes trabalhadores, todavia, não os possibilita estabilidade profissional, salários condizentes às tarefas desempenhadas por eles, jogando-os ainda mais para a situação de informalidade profissional.

Essa horizontalização cria no mercado consequências associadas ao risco social, pois as novas configurações que o mercado financeiro vem desenhando impõem ao trabalhador, novas formas de contratação através dos contratos temporários os quais não asseguram aos contratados estabilidade profissional, crescimento na carreira, nem tão pouco os direitos assegurados por lei, mais busca mecanismo como, por exemplo, o trabalho terceirizado para aumentar a lucratividades das empresas, trabalho informal e outras formas de exploração.

Compreende-se por terceirização como um dos reflexos da precarização do mundo do trabalho, onde as empresas não garantem aos seus funcionários estabilidade profissional, aprimoramento de suas técnicas de serviço, não lhes assegura seus direitos sociais, desmobilizando assim a organização sindical. Logo, torna-se difícil o diálogo entre trabalhador e a empresa, pois sem a articulação dos sindicatos juntos a elas, a luta pela efetivação de anos de conquistas desses trabalhadores acaba não se efetivando.

Neste sentido, Miranda (2005, p. 8) faz a seguinte reflexão:

Há duas modalidades características de terceirização, uma primeira modalidade é aquela em curso a nível mundial, justificada pela busca de produtividade, qualidade, competitividade e inclui transferência de inovação tecnológica e de política de gestão da qualidade para as empresas subcontratadas. Uma segunda modalidade entre as empresas brasileiras, é aquela determinada basicamente pela redução de custos e, sua rápida ampla adoção tem provocado uma evidente precarização das condições de trabalho e de emprego no país.

O reflexo da terceirização faz com que a classe trabalhadora viva em constante preocupação com sua situação trabalhista, pois com essa desvalorização da mão de obra, não há segurança na permanência do emprego, são trabalhadores que a qualquer momento podem ser descartados pelo mercado de trabalho e compor o exército internacional de reserva.

O medo do desemprego, da insegurança econômica instala-se constantemente na vida desses trabalhadores, os quais são obrigados a se sujeitarem às condições precarizadas em seu ambiente de trabalho, a exaustivas jornadas de trabalho, salários baixíssimos, por medo de serem incorporados entre os exercito de reserva.

Com o desenvolvimento do capitalismo, introduziram-se, de forma estrutural e aparentemente definitiva, as práticas flexíveis de gestão da força de trabalho não em benefício dos trabalhadores. Muito pelo contrário, o enxugamento e flexibilidade nas empresas significaram perdas consideráveis de emprego, de estabilidade, de qualidade de vida e de dignidade aos milhões de trabalhadores que dependem dos seus salários para sobreviverem (PADILHA, 2010, p. 03).

O desenvolvimento do capital trouxe para a classe trabalhadora consequências nocivas no que diz respeito aos direitos trabalhistas, flexibilização, salários, formas de contratação, jornada de trabalho e outros, que refletem de forma prejudicial nas condições de vida desses trabalhadores.

Na luta para fugir do desemprego muitos trabalhadores buscam o aperfeiçoamento profissional, tornam-se trabalhadores com um múltiplo conhecimento criando uma classe de trabalhadores “ainda mais diferenciada, entre qualificados/desqualificados, mercado formal/informal, homens/mulheres, jovens/velhos, estáveis/precários, imigrantes/nacionais etc. (ANTUNES, 2005, p. 189).

Outro aspecto da proletarização do trabalho é o trabalho informal o qual vem crescendo gradativamente, até a década de 1980 era percebido por muitos como um problema a ser enfrentado pelo capitalismo. Contudo, essa concepção veio se modificando já que, a “informalidade” (ou o subemprego) era um legado de uma economia semi-industrializada, cujo fim era uma questão de tempo e desenvolvimento”. (NORONHA, 2003, 115)

Noronha discute que a informalidade resultaria:

de mudanças nos processos de trabalho, novas concepções gerenciais e organizacionais e novos tipos de trabalho, os quais não exigem tempo nem locais fixos – podemos nos referir a esse tipo como nova informalidade ou informalidade pós-fordista. (2003, 118)

As mudanças no mundo trabalho obrigaram a classe trabalhadora a buscar mecanismo para sua sobrevivência. O outrora era considerado como um entrave

para a economia, hoje é percebido pelo capitalismo como uma importante aliado para o desenvolvimento da economia de um país. O trabalho informal concentra trabalhadores que através de novas percepções de “donos de seus próprios negócios”, não possuem horário e nem local fixo para exercerem suas atividades.

| Abordagens Econômicas | Abordagens Sociológicas e/ou Normativas |
|---|---|
| <p>VELHA INFORMALIDADE (SUBEMPREGO)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trata-se de uma abordagem tipicamente econômica, pois toma o investimento como a variável principal. Visa a explicar a “informalidade” de uma economia em transição, que gera desempregados, subempregados ou empregados “informais” nos centros urbanos industrializados, muitos deles recém migrados de áreas rurais. • Abordagem desenvolvimentista do mercado de trabalho. • A “informalidade” é entendida como negativa ou neutra por ser um fenômeno típico de sociedades em transição, o qual será solucionado com o próprio desenvolvimento. | <p>INFORMALIDADE POBRE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Inclui diversos tipos de trabalhos “pobres” sob o mesmo conceito, sendo, portanto, mais empírica que a “velha informalidade”. • A abordagem deriva (1) das antigas tentativas da OIT de criar conceitos capazes de incluir as “informalidades” dos vários países e (2) das tentativas de se adaptar a tese da “velha informalidade” aos novos trabalhos precários. • Julgam a “informalidade” negativa. |
| <p>INFORMALIDADE NEOCLÁSSICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Afirma que a “informalidade é o resultado natural da ação de empresas em busca da maximização de suas rendas em países com custos indiretos elevados da força de trabalho, impostos por lei, ou rígidos acordos coletivos. • Mainstream econômico internacional. • A “informalidade” é vista como positiva por ser o meio pelo qual o mercado corrige os efeitos negativos de normas rígidas do mercado de trabalho. | <p>INFORMALIDADE JURÍDICA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Assemelha-se à variante neoclássica pelo foco na regulação do trabalho, mas pode ser considerada seu espelho negativo por entender o excesso de liberdade do mercado na regulação das relações de trabalho como destruidor das intervenções legais necessárias à garantia de condições mínimas para a sedimentação de contratos do trabalho (entendido como um contrato entre desiguais) socialmente justos. • Abordagem típica de profissionais da área jurídica e cientistas políticos, especialmente |

| | |
|---|--|
| | em países com relações de trabalho de tradição corporativista, neocorporativista ou legislada. • Vê a “informalidade” de maneira negativa. |
| NOVA INFORMALIDADE • A “informalidade é o resultado natural de mudanças no processo de trabalho, de novas concepções organizacionais e novos tipos de trabalho, sem tempo ou espaço fixos, gerados pela sociedade pós-fordista ou pós industrial. • Escola regulacionista, analistas das sociedades pós-industriais ou da pós-modernidade. • Vê a “informalidade” como relativamente neutra, pois embora cause problemas sociais no curto prazo (negativo), representa uma mudança estrutural nos padrões de trabalho. | INFORMALIDADE DA GLOBALIZAÇÃO • Afirma que a realidade não mudou, isto é, que a natureza e as características do trabalho permanecem essencialmente as mesmas; e que as mudanças ocorreram devido ao aumento da competição internacional, estimulada pelo credo neoliberal, que levou ao crescimento do desemprego e de trabalhos precários e instáveis. • Sociólogos críticos da globalização e marxistas. • Vê a “informalidade” de forma negativa. |

Quadro 1. Conceito a cerca da informalidade

Fonte: (Noronha, 2003 p. 15)

O quadro acima apresenta os conceitos desenvolvidos em torno da informalidade do trabalho. Esses conceitos expressam a temporalidade de cada época, como também o processo que essa informalidade foi desenvolvendo-se no desenrolar dos anos. Para muito a informalidade certamente não anula a mais-valia, mas a “sua dissimulação serve de argumento para preservar a exploração em escala cada vez mais ampliada, conduzindo a pensar que estamos a caminho de uma organização da produção capitalista, onde todos serão capitalistas”. (Tavares, 2002, p.53)

Desta feita, o trabalhador é envolto em uma rede de relações que fazem com que sua força de trabalho seja cada vez mais desvalorizada, refletindo nas suas condições de vida (saúde, educação, lazer, segurança, etc.) e conseqüentemente refletindo em sua vida familiar.

Em meio ao conjunto dos trabalhadores que vivenciam o processo da precarização nas relações de trabalho estão os coveiros, haja vista que, por conta

de suas condições cotidianas de trabalho, estão expostos a condições de risco de morte, muitas vezes desconhecem seus direitos trabalhistas e estão invisíveis aos olhos da sociedade capitalista. Por isso, a importância de se discutir sobre tal questão.

1.3 O mundo além dos muros do cemitério

A morte é uma passagem que acontece na vida de todos os homens independente de classe social, crenças religiosas, de estarem ou não preparadas para enfrentá-la. Durkheim (1996) discute em sua obra “As formas elementares de vida religiosa”, que a morte cria uma desordem social, no qual os ritos funerários buscam estabelecer a ordem perdida preparando o morto e os familiares para vivenciarem uma ligação com o transcendente e assim, reestabelecer a ordem perdida com a partida do defunto.

No limiar entre vida e morte estão os coveiros que lidam cotidianamente com esse fenômeno. Assim, metaforicamente são trabalhadores que estabelecem a ordem na sociedade, pois são os responsáveis pelo sepultamento e o adeus dos vivos aos mortos.

Contudo, esses trabalhadores vivenciam um ambiente de trabalho atípico da maioria dos trabalhadores, pois estão expostos a risco de contaminação química e biológica, a doenças psicológicas e a doenças ergonômicas do excesso de peso e de repetições de movimento e a exposição excessiva ao sol.

Belmonte e Guimarães (2000 p. 46) descrevem que:

A manutenção do equilíbrio térmico entre o corpo humano e o ambiente é um dos principais requisitos para manutenção da saúde e do conforto. As pessoas perdem calor e umidade a partir de transformações metabólicas na conversão de alimento em energia, tendo a atividade que está sendo exercida efeito direto sobre a capacidade de produção térmica. O fluxo adequado de calor do corpo para o entorno depende de fatores como temperatura, umidade, movimento do ar, radiação e características térmicas das superfícies circundantes e peculiares dos usuários.

Garantir ao trabalhador condições adequadas de trabalho é fundamental para o desenvolvimento de suas atividades. Os coveiros enquadram-se na categoria de trabalhadores cujo a execução diária de suas tarefas implica em desequilíbrios para sua saúde. Vidal (2001) discute que, “critérios relevantes como o de conforto devem

sempre prevalecer, visto que toda situação ambiental depreciativa ou prejudicial sempre passa pelo desconforto”.

A norma regulamentadora do trabalho em seu artigo 17.5.1 e 17.6.1, versa sobre a obrigatoriedade de conceder ao trabalhador condições adequadas para o exercício profissional. “As condições ambientais de trabalho e a organização do trabalho devem estar adequadas às características psicofisiológicas dos trabalhadores e à natureza do trabalho a ser executado”. (BRASIL, 2009).

A Classificação Brasileira de Ocupações, apresenta as atividades que esses trabalhadores devem realizar cotidianamente como: auxiliares dos serviços funerários, “constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos”. Dentro dos serviços que lhe são atribuídos está, também, a “conservação dos cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério” (MTE/CBO, 2002).

Contudo, em muitos municípios essas atribuições vão muito além do que é estabelecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, de modo que esses trabalhadores exercem atividades que vão além do que é de sua competência. Neste sentido, esta pesquisa focalizou no município de Parintins, por ser este município e Maués os únicos municípios do baixo Amazonas a possuírem coveiros, e os demais municípios o sepultamento é realizado pela própria família do defunto.

CAPITULO 2: PARA ALÉM DOS MUROS DO CEMITÉRIO: O COTIDIANO DO TRABALHO DOS COVEIROS

O trabalho no limiar da evolução humana passou por diversas fases, como escravidão, sistema servil, as corporações de ofício até chegar no sistema de produção em larga escala realizado pelas fabricas. A revolução Industrial foi um divisor de águas, pois o trabalho passou a ser realizado através de novos modelos de produção, os quais acompanharam o desenvolvimento das sociedades.

Partindo do principio Marxiano, é por meio do trabalho que o homem torna-se um ser social, ou seja, ele transforma a natureza e conseqüentemente transforma a si próprio, quando produz e reproduz sua condição de subsistência. Neste sentido, o trabalho ganha condições teleológica, pois os homens tem consciência das ações, dos meios e dos fins aos quais se pretende chegar.

Neste sentido, a sociedade vai construindo um quadro amplo de profissões, as quais buscam alocar todos os indivíduos como sujeitos participativos e que exercem importância na execução de suas tarefas cotidianas. Logo, os profissionais que lidam com a morte encontram-se com essenciais para as sociedades, pois desenvolvem o processo de despedida entre vivos e mortos, sepultando, cremando, organizando funerais além de outras funções essenciais que ajudam no momento difícil da partida. Neste capítulo, será debatido o universo dos “operários da morte”, quem são estes trabalhadores, como é o cotidiano do seu trabalho e os impactos em sua saúde.

2.1 O mundo do trabalho funerário

A morte é um evento cotidiano inevitável na vida de qualquer sujeito, independente de classe social, crenças, sociedade, todos um dia irão passar pela experiência do adeus a um ente querido. No limiar entre vivos e mortos, surgem profissionais como coveiros, donos de funerárias, legistas, e outros, os quais desempenham suas atividades laborais no preparativo do corpo para o funeral, autopsia ou ainda aqueles como os coveiros, que estão presentes na despedida do falecido sepultando ou transladando os restos mortais para o seu destino final.

Neste universo do trabalho com a morte encontram-se os donos das funerárias, os fabricantes de caixões, legistas, os profissionais que preparam o corpo (aplicação do formol), coveiros e outros. São atividades profissionais que aos olhos da população não é vista com muita aprovação, ou até mesmo com preconceito.

As profissões relacionadas à morte são dignas como tantas outras, mas isso não evita que muitos desses trabalhadores sintam-se vítimas de preconceitos. É muito comum encontrar quem tenha vergonha de assumir para a sociedade que seu sustento se dá graças a alguma atividade relacionada à morte. Muitos não conversam sobre o assunto com amigos e, nem mesmo, com suas famílias. (VIRGINIO, BORGES, LOPES E SÁ, 2004, p.27)

Para muitos profissionais desenvolver essas atividades torna-se um sofrimento, pois além do estresse e do impacto com o trabalho com a morte, existe o preconceito e a discriminação por parte da sociedade. “As vezes chamam papa defunto, dizem que a tristeza de uns é a minha alegria, só que eu faço meu trabalho e se não fosse por ele muitos que trabalham comigo estariam na rua”. (Dono de Funerária)

No município de Parintins existem 3 (três) funerárias as quais prestam serviço para as famílias enlutadas. Sendo 2 (duas) com maior fluxo de cliente e que possuem fabrica de caixões própria, trabalhadores que fazem a conservação do corpo (aplicação do formol) e na organização da cerimonia fúnebre.

É um serviço importante, às vezes o defunto morre e os parentes estão longe, ai a família pede pra aplicar formol. Vou lá e faço meu trabalho. Já pensou se agente não existisse? Tem gente que não ver o pai, a mãe, ou filho a tempo, ai ele morre bem longe, o corpo não aguenta muito tempo, mais quando realizamos o trabalho possibilitamos aquela família permanecer um pouco mais perto de quem amou. (agente funerário que trabalha aplicando formol).

Os diversos serviços oferecidos pelos trabalhadores da morte são significativos para a população. Cada atividade tem um significado e uma representação social para quem trabalha e para quem os serviços são oferecidos. É um trabalho muitas vezes imperceptível até chegar o momento em que se rompe o laço entre o sujeito e a vida, dando espaço para um dos maiores mistérios de toda a humanidade, a morte.

As funerárias abrigam também os fabricantes de caixões que são trabalhadores com conhecimento em marcenaria, os quais constroem as urnas que

serão oferecidas para o armazenamento dos corpos dos falecidos. “No começo é sempre difícil, mais com o tempo você se acostuma e trabalha normal, às vezes pedem caixão dos bois, de time e agente ajuda a realizar a vontade dele”. (agente funerário que constrói caixões).

Neste universo de trabalho com a morte, os legistas assume o papel burocrático, investigativo, pois são eles que atestam a causa da morte, repassam a papelada que atesta o óbito do sujeito, quando este não teve assistência médica (morte no transito, afogamento, enforcamento, e outros).

as perícias médico-legais como Serviços de Medicina Legal (SML), que são exames de necropsia em casos de mortes violentas ou suspeitas e Serviço de Mortes por Antecedentes Patológicos (Smep), também conhecido como Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), que são exames em casos de mortes sem assistência médica. Os profissionais que trabalham nessa área ainda formalizam e embalsamam os cadáveres. (VIRGINIO, BORGES, LOPES E SÁ, 2004, p.27)

O trabalho desenvolvido pelo médico legista ajudam as famílias e a própria policia a elucidarem mortes sem explicação. Através de seu conhecimento esses profissionais diagnosticam a causa da morte, quando o falecido não teve assistência médica, este tipo de serviço é muito comum em acidente de transito, morte por afogamento, assassinato e outros.

A atividade destes profissionais não está interligada apenas ao atendimento dos corpos que chegam no Instituto Medico Lega (IML), mais, prestam atendimento a vitimas de abusos sexuais na realização de exames de conjunção carnal, “lesão corporal, verificação de aborto, de idade, sanidade física e mental, identificação de sexo somático e psiquiátrico”. (VIRGINIO, BORGES, LOPES E SÁ, 2004, p.28).

Apesar do crescimento populacional a cidade de Parintins não possui um Instituto Medico Legal, no qual disponibilize seus serviços para a população parintinense. Quando chegam à demanda de acidente de transito, morte por afogamento, assassinato e outros, as vitimas são conduzidas para uma sala sem estrutura adequada, no qual os familiares acionam o medico legista e este vai realizar o exame de necrópsica.

Devido à ausência de estrutura adequada para o armazenamento dos corpos, quando as famílias não vão identificar as vitimas no prazo de 24 horas, estas são sepultadas como indigentes no cemitério municipal. Nesta etapa final de despedida entre vivos e mortos estão os coveiros, cujo trabalho inclui o sepultamento, traslado

dos restos mortais, conservação do cemitério e outras atividades que serão melhores esclarecidas no tópico seguinte.

2.2 quem são os coveiros

De acordo com a Classificação Brasileira de ocupações, os coveiros atuam como auxiliares dos serviços funerários, “constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam¹ e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos”. Dentro dos serviços que lhe são atribuídos está, também, a “conservação dos cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério” (MTE/CBO, 2002)².

Apesar de ser uma dos campos de trabalho mais antigos, poucas modificações aconteceram no decorrer do tempo para a melhoria de sua atuação profissional. Não existe qualquer curso que capacite esses trabalhadores no momento em que adentram ao universo de trabalho, além disso, existem situações que pela ausência de material de trabalho eles são obrigados a improvisar suas ferramentas para poderem atuar. No quadro abaixo é possível conhecer o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa.

Quadro 2. Perfil dos sujeitos

| Dados Pessoais | | | | |
|----------------|--------------|----------|------------------|-------|
| Entrevistados | Naturalidade | Religião | Escolaridade | Idade |
| Ent. 1 | Parintins | Católica | 8ª serie | 41 |
| Ent. 2 | Fortaleza | Católica | Não alfabetizado | 56 |
| Ent. 3 | Parintins | Católica | Ens. Médio | 30 |
| Ent. 4 | Parintins | Católica | 8ª serie | 43 |

Quadro 2 – Perfil dos participantes da pesquisa
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015/1.

Como base nos dados apresentados os trabalhadores coveiros são em sua maioria do município de Parintins, apenas um relatou sendo natural da cidade de Fortaleza, declararam-se católicos; 2 (dois) disseram que haviam estudado até a 8ª série, 1 (um) conseguiu completar o ensino médio e apenas um declarou que não havia sido alfabetizado. “olha não tive oportunidade de estudar, lá em casa eram vários filhos e não tinha essa facilidade que hoje tem. Falo pra minhas filhas estudem pra vocês não parem aonde eu tô, enterrando os outros”. (Entrevistado 2)

Quadro 3: Mundo do trabalho

| Mundo do trabalho | | | |
|-------------------|------------------|------------------|----------------------|
| Entrevistados | Salário | Tempo de serviço | Forma de contratação |
| Ent. 1 | 1 salário mínimo | 10 anos | Prestação de serviço |
| Ent. 2 | 1 salário mínimo | 27 anos | Prestação de serviço |
| Ent. 3 | 1 salário mínimo | 2 anos | Prestação de serviço |
| Ent. 4 | 1 salário mínimo | 6 meses | Prestação de serviço |

Quadro 3 – Mundo do trabalho
 Fonte: Pesquisa de Campo, 2015/1.

Através da leitura do quadro, observar-se que a maioria dos profissionais que desempenham a função de coveiros estão há mais de 10 anos nessa profissão. Chegam geralmente cedo, entre 07 (sete) horas da manhã, todavia, em casos excepcionais (quando os cadáveres estão em decomposição, e não suportam ser velados) são obrigados a estarem fora de seu horário habitual de trabalho.

Não possuem carteira assinada e sua forma de vínculo com a prefeitura municipal é através da prestação de serviço. Quanto a questão salarial, estes trabalhadores recebem apenas 1 (um) salário mínimo, no qual não é repassado a eles direitos como insalubridade, salário família e outros direitos trabalhista que serão melhor explorados no capítulo seguinte.

Agente ganha pouco mais pra viver, pra mim tá bom, eu não estudei, vim pra cá porque acompanhei um circo, isso aqui foi melhor que os outros serviços que já trabalhei, mais falo pra uma menina que tenho, estuda pra ser melhor que seu pai. (entrevistado 2)

É uma vergonha o salário deles, eles são obrigados a trabalhar sem segurança, eu li que o trabalho deve eles deveriam ganhar a mais porque eles estão expostos a risco de doença. Mais nada, ele ganha um salário mínimo que mal dar pra gente sobreviver. (esposa do entrevistado 3)

Nosso salário é uma tristeza, agente ganha um salário mínimo, acho que as pessoas pensam que não fazemos nada, que mexer com morto é coisa fácil. Se agente quiser ganhar um pouco mais tem que fazer outros serviços porque esperar por esse salário não dar. (entrevistado 4)

Todos são unânimes em relatar a insatisfação quanto a questão salário, 3 (três) destes trabalhadores tem consciência de que seu trabalho gera risco a sua saúde, e assim deveriam ser melhor remunerado devido as questões de insalubridades em que frequentemente são expostos. A fala deles converge com que Kovács, Vaiciuna e Alves discorrem que, “os profissionais funerários constituem-se assim como um grupo de profissionais em situação frequente de vulnerabilidade física e psíquica” (2014, 944).

Esta profissão é predominantemente do sexo masculino, sendo que muitos destes encontram-se neste emprego devido à baixa qualificação profissional que não lhes permitiu almejar outras profissões.

“minha família era muito humilde e naquele tempo os pais tinham muitos filhos, e aí os mais velhos tinham que trabalhar pra ajudar em casa. Não dava pra ir pra escola, hoje não os jovens tem muita oportunidade no meu tempo não tinha isso. Hoje não penso em sair daqui, quem vai querer me dar emprego pra alguém que não sabe ler e nem escrever?” (entrevistado 2)

A baixa escolaridade é um dos fatores que levam estes trabalhadores a buscarem a profissão de coveiro. Tal situação ficou evidente quando perguntado se desejavam ser coveiro, os mesmos foram unânimes em dizer que “não”, e que se existisse outra oportunidade, um grau de estudo melhor, eles almejariam outras profissões.

Para muito a profissão de coveiro era a oportunidade de estabilidade profissional, pois muitos não possuíam qualificação para disputar outras vagas no mercado de trabalho, e encontravam-se desempregados no momento em que o trabalho como coveiro foi oferecido.

Os profissionais não escolheram de início essa profissão. Buscavam estabilidade financeira e prestaram o concurso para serem funcionários

públicos. O cotidiano deles envolve trabalho que lida com a morte, com seus percalços, sendo o principal cuidar dos mortos, com os preconceitos que essa função provoca. (KOVACS, VAICIUNAS e ALVES, 2014, p. 945)

Os coveiros não escolheram a profissão por vontade própria, mais buscaram a estabilidade em que o serviço público daria a eles. Logo, se houvesse uma oportunidade para deixar essa profissão eles assim o fariam, já que a baixa remuneração e os impactos em sua saúde contribuem para insatisfação quanto à profissão.

Verificou-se também que as próprias famílias criam estereótipos quanto à profissão de coveiros, um dos familiares relatou o impacto da profissão sobre a família:

“peguei um susto quando ele chegou triste em casa dizendo que ia ser coveiro, por que ninguém dar valor pra eles, ai eu vir que ele se arrependeu de não ter estudado” (Esposa do entrevistado 3)

“Meus filhos tem vergonha de dizer que os pais dele é coveiro. Um dia na escola os filhos tinham que levar os pais pra falar o que eles faziam, mais minha filha nem quis ir nesse dia, porque todo mundo ia rir dela e do pai dela, tento conversar com eles e dizer que a profissão do pai deles é digna e não devem ter vergonha. (Esposa do entrevistado 1)

Existem Aqueles que já trabalham nesta profissão há mais de 20 (vinte) anos, como é o caso do entrevistado 2, que possui 56 (cinquenta e seis) anos e trabalha há 27 (vinte seis) anos, ou seja, metade de sua vida foi vivenciada na função de coveiro. E devido à precariedade no espaço de trabalho sua vida foi reduzida “[...] à tempo de trabalho estranhado em operação cotidiana de despersonalização do homem ou de perversão/inversão do ‘núcleo humano’ em ‘núcleo animal’ (ALVES, 2010, p. 25).

Nessa linha de análise, Marx (apud ALVES, 2010, p. 25) explicita que:

O homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar; quando muito ainda, habitação, adornos, etc., e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano animal (grifo do autor).

Essa inversão de papéis em que o trabalhador é obrigado a se metamorfosear surge das condições em que o sistema capitalista impõe a classe trabalhadora, pois com a precarização de seu trabalho, salários baixos e

consequentemente a proletarização de sua vida faz, com que “o custo do operário se reduza quase que exclusivamente, aos meios de manutenção que lhe são necessários para viver e perpetuar sua existência” (MARX; ENGELS, 1999, p. 18).

Neste sentido, as profissões surgem dentro de uma dinâmica imposta pela sociedade, algumas tornaram-se obsoletas e desapareceram com o tempo, outras como as dos coveiros, cristalizam-se tornando essenciais para sociedade. Existem de acordo com uma ética criada pelos próprios profissionais para lidar com a morte, e assim assegurar suas condições básicas de subsistência. No tópico seguinte será discutido o trabalho com a morte, como é o cotidiano de trabalho desses “operários da morte”, e qual sua percepção em relação a ela.

2.3 O trabalho com a morte

A história humana apresenta as diversas percepções que o homem estabeleceu com a morte. Foram os muitos conceitos dados a ela, rótulos que permeavam o imaginário da população fazendo com que a esta fosse entendida como macabra, suja, perversa, morte domada, fracasso e outros (ARIÈS, 1989).

Em seu cotidiano de trabalho esses profissionais para conviver com as perdas desenvolveram seu próprio conceito em torno da morte. Assim, cada funeral tem sua representação e seu significado para quem sepulta, evocando na memória lembrança de amigos, familiares que partiram e hoje fazem presente apenas na memória de quem ficou.

Para Kovács, Vaiciunas & Alves:

Os trabalhadores funerários lidam com a morte cotidianamente e têm as representações sobre morte relacionadas com sua história de vida, características pessoais, experiências vividas, crenças religiosas e fase do desenvolvimento (2014, p. 945).

Os profissionais que lidam cotidianamente com a morte criam seus próprios significados e representações em torno da morte, para estes profissionais a morte assume significados que foram transmitidos por pai e mãe, na igreja, no próprio cotidiano do trabalho, ou em suas experiências de vida.

Pra mim a morte é uma passagem, nós estamos na terra feito uma árvore, já que, agente primeiro é uma semente que pode vingar ou não; depois

precisamos que alguém regue e nos ajude a crescer (quem faz isso? Os pais), então crescemos e a vida se encarrega de ver se agente prestou ou não, se servimos para dar bons frutos ou se somos arvores sem qualquer serventia. Então o tempo passa, e vamos envelhecendo até chegar o momento que sem folha, somos ceifados e morremos. (entrevistado 1)

Pra mim a morte é algo bom, por que ela nunca mata ninguém, são as pessoas que procuram morrer, elas bebem e dirigem em alta velocidade, fuma e dar câncer, acho errado colocarem a culpa na morte, porque as pessoas que procuram ela. (entrevistado 2)

Pra mim a morte é uma angustia, (silencio). Não sei te explicar. (entrevistado 3)

A morte é uma tristeza, todos os dias vejo o sofrimento das pessoas, e é doloroso ver o sofrimento delas. Então penso que morrer é nunca mais ver a pessoa e por isso sofremos muito. (entrevistado 4)

Cada coveiro desenvolveu para si concepções em torno da morte, em sua maioria a morte é sofrimento, angustia, já que cotidianamente presenciaram o sofrimento de pessoas que vão sepultar parentes ou amigos. Para outro, a morte tornou-se vítima, pois são os homens que buscaram por ela, com atitudes irresponsáveis que levaram a este fim, por fim, existe quem acredite que a morte é uma passagem para outra vida, de forma metafórica comparando a existência humana com uma árvore que nasce, cresce, dar frutos e no fim seca e morre.

A história humana apresenta as diversos conceitos que o homem estabeleceu com a morte. A pré-história já sinalizava através de artefatos arqueológicos, pinturas rupestres e outros, o momento de despedida do homem e de seu grupo social. São registros deixados por rituais funerários que indicam o adeus e o respeito a quem se foi. Isso porque, “há inúmeros registros sobre a morte como perda, ruptura, desintegração, degeneração, mas também, como fascínio, sedução, grande viagem, entrega, descanso ou alívio” (GUANDALINI, 2010, p. 4).

Na Primeira Idade Média, séculos XIII a XV, a morte foi “domesticada” encarada como um evento natural da vida dos homens, o enfermo pressentindo o momento de sua partida reunia-se com amigos, familiares e comunidade para um momento de despedida. Estas ocasiões envolviam grandes rituais que tinham como intenção assegurar a quem estava partindo o direito ao perdão e a segurança que estaria vivenciando uma vida melhor.

Por sua vez, na Segunda Idade Média as concepções sobre a morte irão ganhar novos contornos. A igreja Católica passa a fazer a intermediação entre os homens e Deus, neste sentido, caberia aos padres, bispos, e outros religiosos, assegurar através de orações e de sacramentos aos mortos o direito dessas almas

de chegar ao céu. “Sente-se que a confiança primordial está alterada: o povo de Deus está menos seguro da misericórdia divina, e aumenta o receio de ser abandonado para sempre ao poder de Satanás” (ARIÉS, 1989, p. 163).

A incerteza de Paraíso e Inferno passa a rondar o imaginário da população, cristalizando na sociedade que estes dois estágios refletiam a vivência que esse sujeito tiveram na terra e só através do perdão dado pela igreja alcançaria o céu.

No limiar dos séculos as sociedades sofreram transformações e com elas a modificação dos modelos de produção, forças produtivas, relações sociais e também a forma com a morte era percebida. Filósofos com Kant, Spinoza, Brunschicg, Libznitz, iniciam seus estudos falando da relação do homem e da alma, da separação existente do mundo visível e inteligível. A morte passa a ser um problema não para quem partiu, mais a quem ficou para compreender essa relação com o mundo transcendente.

Da Matta traz a seguinte reflexão:

A morte, parece-me, é um problema filosófico e existencial moderno. Mas não é assim nas sociedades tribais e tradicionais, em que o indivíduo não existe como entidade moral dominante e o todo predomina sobre as partes. Aqui o problema não é bem a morte, mas os mortos. De fato, questões como saber se a morte é a única experiência que não pode ser transmitida, discutir a imortalidade, o tempo, a eternidade e, sobretudo, tomar a morte como algo isolado, é uma questão moderna certamente ligada a individualismo como ética do nosso tempo e das nossas instituições sociais (1991, p. 142).

O apego pela vida faz com os homens passem a repensar a experiência trazida pela morte, pois é um momento no qual não há como transmitir a quem fica essa experiência, se de fato existe ou não uma vida além do túmulo, se há céu ou inferno, ou se cada um estará preparado para vivenciar a essa situação. Assim, cada um passa vivenciar individualmente sua dor e a criar conceitos para compreender a hora da partida e lidar cotidianamente em seu ambiente de trabalho.

Estas concepções criadas em torno da morte ajudam estes trabalhadores a vivenciarem suas praticas profissionais. Assim, a hora do sepultamento, da exumação ganham significados de acordo com as crenças e a representação da morte que estes trabalhadores construíram no dia a dia do seu trabalho.

Não é fácil sepultar alguém, eu pego e prefiro ficar bem longe, não gosto de ver o sofrimento das pessoas, quando elas terminam de falar ou de chorar e chamam agente ai vamos lá terminar o serviço.

Penso que a pior parte do nosso trabalho é a hora do sepultamento, meu deus é difícil, quando jogamos a terra no caixão ou empurramos pras gavetas é pior. Dar tristeza, as vezes o que conforta é quando vem alguém e diz que aquela pessoa vai pro céu, que tá perto de Deus, se não fosse por isso acho que esse trabalho seria pior. (Entrevistado 4)

Sou católico e isso dar um conforto na hora de enterrar, porque agente aprende que um dia todos vamos morrer e se merecemos iremos pro céu. Então quando vejo criancinha morta me doi o coração, por que eu tenho filhos e imagino a dor dos pais, mais sei que Deus olha por ele. (entrevistado 3)

Olha já tenho muitos anos aqui, acredito em Deus mais não sou muito de ir a igreja. Não sei se existe céu ou inferno, ninguém voltou pra dizer, (risos). O que sei é que o que tivermos de fazer nessa vida temos que fazer, depois de morto já era, não tem como voltar atrás. Aqui vejo muito isso, as pessoas ficam de mal umas com as outras, brigam e quando morrem os parentes grita, chora, tenho raiva disso. (entrevistado 2)

As falas dos entrevistados refletem em sua concepção em torno da morte, e principalmente no que eles consideram ser o pior momento do seu trabalho, o sepultamento. Por outro lado, esse momento é amenizado com a crença de uma passagem para uma nova vida, o paraíso sem sofrimento, guerras, fomes, tristeza no qual Deus estaria preparando para os que deixarem essa terra.

De acordo com a narrativa dos coveiros o pior momento de seu trabalho é o sepultamento, pois é a certeza de que o falecido não retornará junto aos seus familiares e onde se manifesta com maior intensidade os sentimentos de tristeza e dor de quem está sepultando um ente querido. A seguir será detalhado duas formas de sepultamento, exumação, abertura de sepultura existentes no cemitério de Parintins.

Abertura das sepulturas:

As figuras abaixo revelam o cotidiano de trabalho dos coveiros e as dificuldades da profissão, como a diferença entre cavar uma sepultura no chão e romper uma de concreto, jazigos e exumação. As figuras abaixo revela o passo a passo da abertura de uma sepultura revestida de tijolo.

A figura acima descreve o momento em que os coveiro estão medido uma sepultura já construída em tijolo. De acordo com o desejo da família a criança falecida deveria ser enterreada em cima de seu avô, o administrador comunica os coveiro e estes vão medir o tamanho da sepultura para abrigar o caixão.

Figura 1: abertura de sepultura revestida de tijolo.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Figura 2: A retirada do material de cimento e tijolo da sepultura



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Neste etapa da abertura da sepultura o coveiro precisa utilizar da força para romper com a construção de cimento e tijolo existente no local. Ele precisa utilizar

suas ferramentas como ferro de cova e pá, para quebrar a proteção existente nesta sepultura.

Figura 3: Retirada de areia



Fonte: pesquisa de Campo, 2015.

Quando os trabalhadores conseguem romper com a proteção existente na sepultura, inicia-se o processo de retirada de terra existente. Porém, se as medidas do falecido não forem iguais a da antiga sepultura, os coveiros fazem a abertura lateral ou no comprimento do corpo que será enterrado. Assim como está sendo ilustrado na imagem acima.

Figura 4: etapa final da abertura da sepultura



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Após estabelecerem as medidas exatas do falecido que será enterrados os coveiros retiram o excesso de terra existente na cova, e entre eles eles realizam um revezamento para cada um dois dois retire a terra que está armazenada na cova. Esse processo de retirada exigem dos trabalhadores dispensio de força, o qual refletem em dores nas costas no fim de um dia de trabalho.

Figura 5: cova aberta esperando o sepultamento



Fonte: Pesquisa de campo 2014/2015

A figura acima representa a abertura da cova. Nesta abertura já existia um corpo sepultado, logo, os coveiro quando percebem que já estão próximo ao outro caixão ou quando aparece os restos mortais do falecido, eles para de retirar a terra e esperam o momento do sepultamento do novo corpo.

Para estes trabalhadores este tipo de sepultura lhe acarreta maior dispêndio de força, ou seja, cavar 7(sete) metro no chão obriga-os a exercer mais força nos braços, maior curvatura na coluna como é relatado por estes trabalhadores.

Pra mim esse é um dos piores tipos de sepultura. Mais quando o administrador diz que tem que cavar na terra, já penso na força que tenho que fazer, na dor nas costas que isso vai dar depois. (entrevistado 1)

Olha cavar no chão é muito ruim, porque agente ficar forçando a coluna e o peso da terra é horrível, e quando chove isso fica pior porque aumenta o peso. Eu preciso enterrar nas gavetas porque é só empurrar pra dentro. (entrevistado 3).

As sepulturas de mármore e de alvenaria são relatados pelos trabalhadores, são construções feitas em alvenaria no qual comportam apenas uma pessoa. Caso os familiares desejem sepultar um defunto em cima do outro, eles acionam a administração e este avisa para os coveiros a necessidade de quebrar a sepultura para que um defunto seja sepultado em cima do outro.

Figura 6: sepultura de cimento e mármore



Fonte: Pesquisa de campo 2014/2015

A exumação

A exumação é um dos momentos delicados do trabalho de coveiro. Neste serviço, esses trabalhadores geralmente retiram os restos mortais do falecido, para transportar para um outro local, muitas vezes o defunto não terminou seu processo

de decomposição causando forte odor, desconforto ao ver que o falecido ainda está em processo de decomposição, como é narrado pelos entrevistados.

É horrível ver, na primeira vez que vim pra cá tive que fazer isso. A pessoa estava se desfazendo. Não quis comer por uns dias, fedia muito. É bom quando já ta seco, porque é só pegar os ossos e colocar na caixa, agora quando o defunto não tem muitos meses, meu deus é horrível. (entrevistado 3)

Pra mim não tem problema, já morreu não pode fazer nada. Mais não vou te dizer que é bom por que não é, quando o defunto ta novo é horrível, fede muito e fica todo mole, parece um mingau. (entrevistado 2)

Esse serviço tem se tornado comum no cemitério Municipal São José, pois com a superlotação deste espaço de sepultamento, as pessoas estão buscando construir mausoléus com gavetas para abrigar seus falecidos.

Figura 7: Exumação



Fonte: Pesquisa de campo 2014/2015

Sepultamento

Os sepultamentos podem ser de duas formas no cemitério de Parintins. A primeira forma são os mausoléus, os quais os trabalhadores retiram a tampa das gavetas e empurram o defunto para dentro. Em alguns casos, esses mausoléus têm

suas gavetas na parte inferior da terra, assim, esses trabalhadores são obrigados a entrarem nos mausoléus e receberem os caixões para poder arrumar nas gavetas.

Além dos gavetões outra forma comum de sepultamento são as sepulturas de terras. Esse tipo de sepultamento consiste na abertura da sepultura no chão, e com duas cordas esses trabalhadores passam cada ponta de corda na alça do caixão e lentamente vão depositando o corpo no chão, após isso, os coveiros começam a jogar terra em cima do falecido.

Figura 8: Abaixo as imagens de um sepultamento



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

A imagem abaixo ilustra o momento em que o corpo chega no cemitério e os coveiro iniciam o processo de sepultamento. Os trabalhadores passam em torno do caixão uma corda que auxiliará depositar o corpo em sua cova.

Figura 9: O corpo é depositado em sua cova



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Os sepultamentos são momento de muita comoção tanto para familiares quanto para os trabalhadores. São momentos de silêncio, dor, lembranças de fatos bons e engraçados que o falecido fez durante sua vida. Para muito geram a lembrança do sepultamento de amigos e familiares.

Figura 10: etapa final do sepultamento



Fonte: pesquisa de Campo, 2015.

Por fim, esses trabalhadores são essenciais para o processo que culmina a vida e a morte, pois como eles mesmos afirmam, “se agente não existissem quem iria enterrar os mortos, ninguém ia aguentar enterrar seus parentes” (entrevistado 4, 2014). Apesar de serem importantes para a sociedade esses profissionais assim como tantos outros vivenciam a situação de precarização de suas condições de trabalho, refletindo nas esferas de sua vida social e familiar, o qual será aprofundado no capítulo seguinte.

2.4 os múltiplos significados do trabalho para os coveiros

A história dos homens narra através do tempo os múltiplos significados que os homens atribuíram ao trabalho. “Para os gregos antigos, em cuja a sociedade o trabalho mecânico era realizado pelos escravos, o trabalho embrutecia o espírito, tomava o homem incapaz da prática da virtude”. (MILLS, 1969, p. 234).

Com o tempo e a chegada do Cristianismo o trabalho foi ganhando novas conotações, sendo compreendido com expiação do pecado, através de trabalho voluntário de caridade ao próximo. Nos primeiros tempos do cristianismo, o trabalho

“era visto como uma punição para o pecado, que também servia aos fins últimos da caridade, saúde do corpo e da alma, e para afastar os pensamentos maus provocados pelo ócio”. (MILLS, 1969, p. 235).

Com as ideias de Lutero o trabalho passa a ter novas concepções, pois todos que poderiam trabalhar deveriam assim fazer. Logo, agradar a Deus estaria interligado com a ideia de auto sustentar-se sem esperar a intervenção divina, o qual conduziria os homens a uma nova realidade metódica e racional. O trabalho aparece como “a base e a chave da vida. O ócio era uma evasão antinatural e perniciosa. Manter-se pelo trabalho é um modo de servir a Deus. A profissão torna-se vocação”. (ALBORNOZ, 1986, p. 53).

No Renascimento o trabalho é entendido como estímulo para o desenvolvimento dos homens, logo, o estereótipo de penoso, caritativo é substituído pelo conceito de trabalho como forma de emancipação, ou seja, é no trabalho que os homens irão criar e recriar sua realidade. Mais é com Adam Smith que o trabalho assume o caráter de regulador de riquezas produzidas pelo homem.

o princípio básico do sistema econômico liberal: o trabalho era agora o elemento regulador da riqueza das nações, mas era uma atividade sem alma, uma áspera justificação para a realidade penosa das populações do século XIX, e para o homem econômico, cujo trabalho era motivado pelo dinheiro que ganhava. (MILLS, 1964, 235)

Para Adam Smith, o trabalho era o meio em que as nações conquistariam suas riquezas, pois a soma do trabalho coletivo geria riqueza a elas. Tal concepção foi propícia para o desenvolvimento do modelo de produção industrial, no qual o trabalho deixa de ser desempenhado pelo meio artesanal, para concentra-se em grandes espaços com trabalhadores desenvolvendo atividades industrializadas.

Contudo, foi em Marx que o trabalho passou a ser compreendido como a essência do ser humano, já que este transforma a natureza, se relaciona com outros homens, cria instituições, dogmas, a cultura, seu modo de produzir e suas relações sociais com seus pares.

Nas palavras de Marx (1989, p. 208):

O processo de trabalho, que descrevemos em seus elementos simples e abstratos, é atividade dirigida com o fim de criar valores-de-uso, de apropriar os elementos naturais às necessidades humanas; é condição necessária do intercâmbio material entre o homem e a natureza; é condição natural eterna da vida humana [grifos nossos], sem depender, portanto, de

qualquer forma dessa vida, sendo antes comum a todas as suas formas sociais.

Para Marx o trabalho é mediação entre homem e natureza, pois ao transformar a natureza transforma a si próprio. Contudo, o que difere os homens dos outros animais é a capacidade de programar suas ações em prol a um objetivo final, ou seja, ao construir uma casa, barco ou qualquer outra coisa, os homens determinam suas ações, criam suas ferramentas para que ao final obtenham o produto desejado, e isto difere dos animais já que estes agem pelo impulso de suas necessidades.

Hoje o trabalho continua sendo palco das discussões nas academias, congressos e seminários, no qual trazem para a discussão as mudanças no mundo do trabalho. Contudo, cada trabalhador tem sua concepção em torno do que é o trabalho e o que ele não é. Assim, os coveiros também desenvolverem sua concepção do que é trabalho para eles e o que o trabalho não é.

Bem, o trabalho pra mim é a forma que eu tenho pra sustentar minha família, por que se hoje agente não tiver uma forma de ganhar dinheiro ninguém vive, por que ninguém vai dar pra gente. (Entrevistado 1)

Trabalho é a capacidade que agente tem de transformar as coisas. Se não fosse por ele ninguém tinha nada, ninguém criava nada. E através dele que agente gera o dinheiro, as pessoas adquirem riqueza, não tenho inveja de quem tem as coisas, porque sei que ele teve que trabalhar muito pra ter aquilo. (entrevistado 2)

Segundo a fala dos trabalhadores entrevistado o trabalho é a condição de subsistência, já que é através dele será gerado o salario e com isto a possibilidade de sustendo da família, ou seja, eles entendem o trabalho como uma forma de mediatização de suas necessidades. “O trabalho é uma atividade fundamental do homem, pois mediatiza a satisfação de suas necessidades diante da natureza e de outros homens” (IAMAMOTO, 2001, p. 34)

O trabalho atrás dos muros do cemitério difere de muitas profissões existentes no mundo do trabalho. Não existe curso que capacite estes trabalhadores quando adentram no universo da morte, lidam com a perda e a dor de quem sepulta um ente querido. Logo, a profissão também ganha significado distinto para cada trabalhador.

Acredito que a profissão de coveiro é muito digna, não é fácil trabalhar com a morte, porque tem gente que não vem em cemitério só quando tem enterro, não gosta de ver defunto, tem que ter coragem nessa profissão (Entrevistado 1)

Acho que é uma profissão importante, ninguém gosta de vim enterrar ninguém. Acho que tem que ter uma cabeça boa. Mais se agente não existi quem faria esse trabalho. Tenho certeza que ninguém gostaria de enterrar sua mãe, seu pai, então somos importantes. (Entrevistado 2)

Eu vejo que somos importantes, mais as pessoas só percebem agente quando elas precisam do nosso serviço. Você pode passar perto delas na rua, mais é como se fossemos invisíveis, mais aqui não, elas sabem que somos trabalhador e nosso trabalho é importante. (Entrevistado 3)

Ser coveiro é como qualquer outro trabalhador, o que faz os outros serem melhor? Vejo isso todos os dias quando enterro. No fim, todo mundo precisa da gente seja rico ou podre, todo mundo morre e vai precisar do coveiro pra enterrar. (Entrevistado 4)

Para os coveiros seu trabalho não difere de outras profissões, já que tem uma funcionalidade para a sociedade. Contudo, reconhecem que sua profissão em muitos casos só é percebida quando as pessoas precisam utilizar seus serviços, pois ao saírem dos muros do cemitério tornam-se invisíveis para a sociedade.

Neste sentido, o preconceito e discriminação fazem parte do cotidiano desses profissionais. “As pessoas tem um certo receio da profissão. Elas olham de cima pra baixo e fecham a cara. Até quando estão passando mal e oferecemos um copo com aguas elas não querem, acho que pensam que por sermos coveiros somo sujos” (entrevistado 2).

Por fim, os homens deram ao trabalho muitos significados, foi considerado penoso, um modo de chegar a Deus, um meio no qual as nações produziram riqueza, a essência dos seres humanos. No universo dos trabalhadores que lidam com a morte, o trabalho também ganhou sentido, para estes sujeitos o trabalho é um meio de produção de valor para a manutenção de suas formas de subsistência, ou seja, é através dele que o trabalhador consegue manter-se suas necessidades diante da natureza e de outros homens.

No capítulo seguinte será discutido o impacto do trabalho na vida destes trabalhadores, seus direitos trabalhistas e sua organização sindical.

CAPITULO 3: Reflexões sobre a negação do direito dos trabalhadores coveiros

3.1 Acesso à saúde e segurança no trabalho

As mudanças no mundo do trabalho trazem a necessidade de uma atenção redobrada a saúde do trabalhador. Todo trabalhador brasileiro tem direito a saúde, está é condicionante e está assegurada na Lei 8.080/90, que estabelece as diretrizes de criação do SUS.

Contudo, a reestruturação que o mundo do trabalho sofreu impôs a classe trabalhadora condições precária de desenvolvimento de sua força de trabalho, já que em muitos casos os trabalhadores estão expostos a riscos químicos, biológicos, estruturas inadequadas de trabalho, ausência de equipamento de segurança, além de outras questões.

Os trabalhadores de cemitério não ficaram de fora das mudanças. Assim, com as outras profissões os coveiros também sofrem com os impactos negativos trazidos por ela, vivenciam o processo de precarização de sua saúde, com exposição excessiva ao sol, a agentes, químicos, biológicos e outros, os quais são responsáveis pelo aparecimento de enfermidades que adoecem esses trabalhadores.

Esses profissionais têm risco de adoecimento e esgotamento físico e mental por não terem capacitação e preparo, falta de materiais adequados, baixa remuneração e pouco reconhecimento e valorização do trabalho. É queixa frequente a sobrecarga de trabalho, sem descanso, pois há ausências, faltas, aposentadoria e não reposição de profissionais. (KOVACS, VAICIUNAS, ALVES 2014, p.994).

O trabalho de coveiro é uma profissão que requer todo cuidado devido ao esgotamento físico e mental a sua prática com corpos em decomposição, sol, chuva, estresse, apesar da profissão já exista ao longo dos anos, muitos ainda “utilizam de improvisação do ferramentário, adaptação de equipamentos sem instruções ou treinamento específico, além de uma grande carga emocional, dado que, eles vivenciam diariamente a dor, a perda, o luto”. (PESSOA et al, 2002, p.13).

Não existe hora para as atividades exercidas pelos coveiros e muito menos chuva ou sol. Muitas vezes a exposição ao sol acaba fazendo com que esses trabalhadores sintam-se fadigados ao final do dia. A norma regulamentadora do trabalho no artigo 17 versa que: “as condições ambientais de trabalho e a

organização do trabalho devem estar adequadas às características psicofisiológicas dos trabalhadores e à natureza do trabalho a ser executado” (BRASIL, 2001, p. 56). Todavia, as condições em que esses trabalhadores estão expostos fazem com que isso acarrete danos a sua saúde.

Aqui nesse trabalho não tem sol ou chuva, eu já comprei um boné porque é horrível cavar nesse sol, quando chega final do dia eu tô muito cansado, parece que o sol vai acabando com agente. E a chuva também é ruim, porque quando chove a terra fica pesada, as vezes quando o enterro é nas gavetas aquela agua do corpo escorre na gente, já tive coceira por causa disso, ninguém sabe como o outro morreu. (entrevistado 3)

A fala do trabalhador revela o cotidiano de trabalho em que esses coveiros estão expostos, são condições insalubres para o desenvolvimento de suas atividades, entram em contato sem qualquer proteção ao chorume dos corpos em decomposição, altas temperaturas, o que Pessoa (2002) chama a atenção.

Possíveis sinais, visíveis ao operário exposto a temperaturas altas, são identificáveis, como: sensação geral de mal-estar, mesmo com ritmo de trabalho imposto, e predisposição ao trabalho. É notória a diminuição produtiva, pele avermelhada e frequência cardíaca aumentada fortemente. Com a contínua exposição ainda podem ocorrer: fortes dores de cabeça, tontura, falta de ar seguida de vômitos e câimbras musculares. Um quadro de inconsciência muitas vezes se instala no trabalhador, o que pode levar a morte (PESSOA et al, 2002, p. 9).

A exposição ao sol e sob altas temperaturas fazem com que esses trabalhadores fiquem vulneráveis a diversas doenças, como doenças de pele, a frequência cárdica aumenta, dores pelo copo, vermelhidão e outros. Essas questões puderam ser percebidas quando perguntados a eles como se sentiam ao final do dia: “me sinto estressado, cansado, principalmente quando tenho que realizar muito sepultamento, aí a gente fica no sol, no fim da tarde tô quebrado, ta vindo a época da chuva e não tem jeito porque agente fica todo molhado” (Entrevistado 4, 2014/2015).

Além da exposição ao sol, outras doenças surgem no ambiente de trabalho devido às condições precárias em que eles estão expostos. Eles fazem movimentos repetidos, ficam expostos a agentes químicos (devido à decomposição dos corpos), biológicos (bactérias, fungos, parasitas) e doenças relacionadas ao sistema respiratório como foi descrito por um dos trabalhadores: “eu apanhei alergia e renite aqui, porque a gente mexe com isso, ai já viu, fui a Manaus e o médico disse que to

doente da coluna porque carrego muito peso quero sair daqui prefiro ser vigia” (Entrevistado, 5 2014/).

O entrevistado 5 (cinco) trabalhou a 12 anos no cemitério de Parintins, contudo, ele desenvolveu uma alergia crônica no qual foi impedido pelo medico de exercer sua função, o mesmo tentou negociar com a prefeitura para ser transferido para outro setor. Contudo, não permitiram e o demitiram. Hoje ele tenta sobreviver fazendo trabalho de pedreiro, mais até nessa nova profissão os impactos gerados pelo trabalho no cemitério aparecem.

o medico falou que lá no cemitério a poeira, e as bactérias me adoecia, pedi pra ser transferido, mais me deram as contas. Hoje tento viver de pedreiro, mais a dor nas costas e a renite não deixam eu sei que foi do tempo que trabalhei, porque eu agente fazia muito força, carregava peso além da poeira. (Entrevistado 5).

A fala do entrevistado 5 converge com a afirmativa de Pêgas, Santos e Guijarro (2009 p. 74) quando estes discutem que:

O trabalhador coveiro está exposto a outros riscos ocupacionais, como aos agentes químicos: poeiras, pós e produtos em geral; os físicos: radiações e ruídos; os biológicos: vírus, bactérias, parasitas, sangue e outros fluídos, além dos psicossociais caracterizados pelo estresse, fadiga e baixa qualidade de vida.

Por se encontrarem exposto a agentes biológicos e químicos os coveiros são suscetíveis a adquirirem diversas doenças, os quais refletem em condições precárias de sua saúde e que tem como desdobramento a sua convivência no ambiente familiar.

Por outro lado, a ausência de material de segurança contribui para que esses trabalhadores estejam sujeitos ao risco de doenças. Quando perguntado a eles sobre os materiais de segurança, eles relataram a mesma resposta: “vem se a gente tiver cobrando do administrador, porque por eles mesmos não vinham nada pra cá” (Entrevistado 1). Compartilhando da mesma ideia outros afirmaram que: “olha os materiais é a farda, às vezes luva, algumas vezes vem máscara, mas é difícil, a maioria das vezes a gente só ganha à farda e só!” (Entrevistado, 2).

Para muito desses trabalhadores, os problemas de saúde não estão somente relacionados com as questões físicas, mas a sua vivência diária como a morte, muitas vezes leva a desdobramentos psicossomáticos, que refletem na sua saúde mental. “Não é fácil enterrar os outros, os primeiros dias são sempre os piores,

porque você vai pra casa e fica pensando, mas depois de um tempo você aprende que tem que esquecer e tirar da cabeça se não fica maluco” (Entrevistado 3)

Por outro lado, a vivência diária com a morte, a dor e o sofrimento alheio pode desencadear nestes trabalhadores o estresse ocupacional ou como é mais conhecido a síndrome de burnout, ou seja, um prolongamento a situações de estresses, angustia, dor com é vivenciado cotidianamente por esses trabalhadores.

O Burnout é a resposta a um estado prolongado de estresse, ocorre pela cronificação deste, quando os métodos de enfrentamento falharam ou foram insuficientes. Enquanto o estresse pode apresentar aspectos positivos ou negativos, o Burnout tem sempre um caráter negativo (distresse). Por outro lado, o Burnout está relacionado com o mundo do trabalho, com o tipo de atividades laborais do indivíduo (Benevides- Pereira et al, 2003, p. 45).

O Burnout é uma resposta do organismo humano a situações de estresse prolongado. Para os trabalhadores que de cemitério o impacto com corpos, dor, sofrimento pode contribuir para o aparecimento dessa doença nos trabalhadores. “no começo foi muito difícil pra mim, eu enterrava e a noite parecia que tava ouvindo as pessoas chorarem, o pior era quando tinha que fazer exumação, eu fechava meus olhos e via o morto, passei vários dias em dormi, tive que tomar remédio” (entrevistado 3).

Para Benevides-Pereira (2003), essa síndrome é caracterizada pelo estresse do ambiente de trabalho, situações humilhantes, o trabalhador não recebe qualquer estímulo de alegria ou recompensa pelo trabalho desempenhado. “Não é fácil ver a dor dos outros, mesmo já trabalhando a muito tempo dar vontade de chorar, hoje eu fico de longe, quando é criança é mais triste, e você tem que segurar suas lagrimas” (entrevistado 4).

Uma vez ele chegou em casa muito triste, chorando muito, fiquei assustada. Ele foi contar que enterrou duas crianças. Sei que eles ficam mexidos com isso, ele também são humanos e tem sentimento. As vezes as pessoas olham eles aqui enterrando todos os dias e imaginam que eles não sentem nada, mais eles sentem sim. (esposa do entrevistado 1)

A carga emocional que é depositada diariamente sobre estes trabalhadores pode desenvolver problemas emocionais, a fala da esposa de um dos entrevistados chama a atenção, pois são trabalhadores com anos de experiências, mais que são humanos e se sensibilizam com a dor dos outros, ou seja, podem vir a desenvolver síndromes com a de burnout.

Outro problema que chama a atenção é a não utilização de equipamento de segurança. As novas políticas em torno da saúde do trabalho giram em torno da segurança que deve ser assegurado a eles. Contudo, essa realidade distancia-se do que é vivenciado pelos coveiros de Parintins. “Por esse e outros motivos à saúde do trabalhador coveiro é muitas vezes colocada em risco, pois se percebe que não são empregados os EPIs adequados para exercício da profissão”. (PESSOA et al, 2002, p. 23)

No desenvolvimento da pesquisa constatou-se que todos os entrevistados nunca trabalharam em outro cemitério; realizam em média de 3 (três) a 5 (cinco) sepultamento por dia. Foi questionado a esses trabalhadores se eles já haviam ouvido falar em EPIs, todos foram unânimes em responder que sim, que ouviram falar na televisão, porém, na realidade de trabalho esses equipamento não existia.

Não tem nada disso aqui, todo dia agente pede do administrador porque as condições aqui não são boas. Já disseram lá da secretária que quem não tiver satisfeito pode ir embora, ai agente se desmotiva e dar nosso jeito, temos família pra sustentar. (entrevistado 1)

Olha eu sei porque já ouvi falar na tv, mais nunca teve um curso ou palestra que falasse da importância da utilização dele, com exceção quando vocês da universidade vieram pra cá. Mais aqui não existe isso, porque eles pensam que somos bichos e tratam agente assim. (entrevistado 3)

Vou falar uma coisa pra senhora, tá vendo essa farda? Já tenho anos com elas, eles não dão nada pra gente. Se eu não quero respirar porcaria eu mesmo já compro a minha mascara, minha luva. Mais tem colegas aqui que faz na marra, pega com a mão, respira aquela poeira, depois estão igual ao Candinho que saiu daqui por causa das doenças do cemitério. (Entrevistado 4)

Segundo Moraes e Mont’alvão (apud PESSOA et al, 2002, p. 23), toda atividade implicada no trabalho, junto com seu ambiente físico e social, exerce no trabalhador diversos constrangimentos, com inúmeros gastos, tanto físicos e mentais como emocionais e afetivos, o que lhe acarreta desgastes e custos humanos.

Durante a pesquisa foi perceptível que as atividades desenvolvidas pelos coveiros são nocivas à sua saúde, especialmente no que se refere ao processo de trabalho, pois estes cavam ou rompem as sepulturas, podendo elas serem de cimento ou de terra.

As falas dos trabalhadores clarificam esta assertiva:

“Nosso trabalho é assim, agente vem pra cá ai o administrador diz se tem enterro ou não, ai geralmente tem. Então agente vai cavar o buraco quando não chove é bom porque a terra ta seca, mais quando chove agente tem que se sujar todo de lama, acho que a pior coisa é quando temos que trabalhar com chuva, porque ninguém sabe de quer aquele defunto morreu, e a agua escorre toda em nós” (entrevistado 1)

“A pior parte do trabalho é quando agente tem que enterrar em cima dos outros, ave Maria é ruim! Porque agente tem que ir na sepultura e as vezes o defunto ainda ta meio inteiro e fede, e não é bom, mas tem que fazer né, mas quando só é os ossos tudo bem é so colocar em cima, mas ele ainda inteiro ou se desfazendo não é bom” (entrevistado 2)

“outra coisa dificil no trabalho é quando a sepultura é de cimento, ou é de mármore que tem que quebrar tudo, e tem as de gavetas, tem umas que são fácil é som empurrar pra dentro, mais tem outras que agente tem que entrar dentro da casinha, e cheira mal, e tem escorpião, barata e ratos” (entrevistado 3)

O mais difícil é quando tem que sepultar pessoas afogadas, o cheiro é muito forte e tem que vim cedo, geralmente agente faz logo que o corpo é encontrado, mas alguém tem que fazer esse trabalho, porque se a gente não faz quem vai fazer? (entrevistado 4, 2014).

Os depoimentos desses trabalhadores apresentam um universo desconhecido para muitas pessoas, pois pouco se conhece sobre o mundo atrás dos muros do cemitério e as dificuldades que esses trabalhadores enfrentam em seu dia a dia. Essa sobrecarga que o trabalho tem sobre suas vida também não gera somente riso a sua saúde, mais a própria família sente os impactos desse trabalho.

KOVACS, VAICIUNAS, ALVES (2014, p.948).

Esses profissionais têm uma profissão com tantas cargas: física (trabalho pesado, com odor fétido e risco de contaminação; psíquica (dor, sofrimento, sentimentos intensos, os próprios e dos enlutados); social (baixa remuneração, profissão não reconhecida, com baixo prestígio). Há risco para o próprio profissional e para a família.

As autoras chama atenção para os impactos que a sobrecarga de trabalho dos coveiros geram não apenas nos trabalhadores, mais as próprias famílias são atingidas pelo trabalho desgastantes de seus familiasres.

Por outro lado, a ausência de equipamentos de seguranças põem em risco a saúde dos coveiros, já que os expõem a risco de desenvolverem doenças. A fala dos entrevistados chama atenção pelo descaso da prefeitura, já que não é repassado a eles os materiais básicos para o desenvolvimento de seu trabalho. Assim, luvas, botas, chapéus, mascaras e outros, são considerados luxos em um ambiente em que seriam de grande utilidade.

Por outro lado, a fala chama atenção para o caso do ex coveiro Candinho, estes trabalhou por muitos anos no cemitério, mais adquiriu doenças respiratórias e lombar, sendo proibido pelo medico de continuar a trabalhar como coveiro. Apesar dos pedidos para ser transferido para outro setor, o mesmo foi demitido e sobreviver da informalidade do trabalho de pedreiro.

As falas dos trabalhadores convergem com que Kovacs, Vaiciunas e Alves discutem que:

Muitos aprendem na prática e podem se colocar em situação de risco justamente por não ter preparo adequado. Podem se deparar com situações realmente degradantes, como corpos deteriorados, nas emergências e desastres em locais de difícil acesso. Correm, portanto, grande risco de saúde física, pela contaminação, e de saúde psicológica, pelas situações insalubres do ponto de vista emocional. (2014, p.996).

Estes trabalhadores ao adentrarem neste campo de trabalho não recebem as informações adequadas em torno do risco a saúde, a posição adequada para o desenvolvimento das atividades, a importância dos equipamentos de segurança. Ao contrario, são deixados a própria sorte, sem as condições básicas para o exercício da profissão.

Por fim, esses trabalhadores encontram-se vulneráveis em seu ambiente de trabalho. Não são orientados quando adentram neste trabalho, estão expostos a contaminações e desconhecem questões relacionadas aos seus direitos sociais, os quais serão apresentados no tópico seguinte.

3.2 A (des) proteção social

A garantia dos direitos sociais de todos os brasileiros é um dos pilares assegurado na Constituição Federal de 1988, esta Carta é fruto da luta dos movimentos sociais pelo reconhecimento dos direitos de toda população. Contudo, nem sempre foi assim, antes de promulgarem a Constituição os direitos só eram dados a quem contribuía com o modelo de previdência existente.

Para Behring e Boschetti (2008), os direitos sociais eram pensados segundo o modelo chamado de bismarkiano, ou seja, só tinha direito quem contribuísse com a previdência; portanto, só o trabalhador empregado, portador de Carteira de Trabalho, os demais contavam apenas com a caridade e o assistencialismo.

Neste sentido, a Constituição Federal representou um grande ganho para toda população, pois representava a luta de toda população civil e organizada para que se efetivasse o direito e igualdade, justiça, equidade a todos os cidadãos brasileiros.

Por meio da garantia dos direitos sociais, “educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados”, busca-se construir uma sociedade livre, justa e solidária; erradicar a pobreza e a marginalização; reduzir as desigualdades sociais e regionais; e promover o bem de todos, sem preconceitos ou quaisquer formas de discriminação. (Brasil, 1988. art. 6º e 3º).

Os princípios que estabelecem a construção da Carta Magna brasileira versam em torno da luta de tornar um país um país, justo, igualitário, no qual todos os cidadãos possam gozar dos mesmos direitos e deveres, construindo assim uma sociedade livre e igualitária.

Apesar dos ganhos trazidos pela Constituição Federal a sociedade brasileira vai mergulhar nas décadas de 1990, em profundas crises os quais afetará a vida de toda população brasileira.

Com a implantação das políticas neoliberais no país, o mundo do trabalho irá sofrer profundas alterações. Uma onda crescente de desemprego atinge o país levando milhares de famílias para o desemprego. Outro ponto relevante trazido pelas políticas neoliberais, foram as novas relações de trabalho existente, a informalidade elevou-se afetando as camadas mais baixas da população.

Na verdade, o desemprego e a precarização das condições e relações de trabalho que se observam ao longo dos anos 90, e mais intensamente no primeiro governo de FHC (1995-98), são um fenômeno de amplitude nacional, de extraordinária intensidade e jamais ocorrido na história do país. (MATTOSO, 2000, p. 09)

Na visão do autor o governo de Fernando Henrique Cardoso abriu as portas para as políticas neoliberais. Contudo, essas políticas tiveram efeitos devastador para as camadas mais baixa do país, já que foram estas que sentiram com maior intensidade o desemprego de milhares de famílias e viu nascer novas relações de trabalho que foram nociva para o trabalhador.

Essas relações precárias de trabalho existentes trouxeram a informalidade como uma forma velada de exploração e violação dos direitos da classe

trabalhadores, pois tem longas jornadas de trabalhos, ausência de proteção social e direitos sociais, desarticulação de seus sindicatos, salários baixos, impactos na saúde, e outros fatores.

Essa informalidade não ausentou-se do mundo do trabalho dos coveiros, estes profissionais assim como qualquer outro trabalhador apesar de está no setor formal, mais pelo baixo salários obrigam-se a buscar na informalidade uma forma de subsistência.

Olha eu faço serviço de moto taxi quando saiu daqui, porque se for depender só desse salario ninguém vive, agente precisa sustentar a família e hoje em dia tudo está muito caro. (Entrevistado 1)

Eu faço serviço de limpeza aqui no cemitério, as famílias vem e me pagam pra limpar todo os dias as sepulturas, ganho R\$ 30,00 (trinta reais) por cada serviço que me pagam. (Entrevistado 2)

Eu faço serviço aqui no cemitério, faço limpeza nas casas, quando aparece serviço dar pra fazer uns R\$ 150,00 (cento e cinquenta) por mês, e isso ajuda a manter a casa. (Entrevistado 3)

Olha eu faço limpeza aqui, mais eu trabalho como segurança em festa, agente precisa ganhar dinheiro e isso aqui não dar pra sustentar em casa, então é o jeito procurar outras coisas. (Entrevistado 4).

A informalidade a pontada pelos coveiros como uma forma de aumento de renda, apresenta-se como uma das características da precarização e da desproteção vivenciada pelos trabalhadores em seu ambiente de trabalho. Configurando se as mais distintas e “diferenciadas formas de precarização do trabalho e de expansão da informalidade vêm ampliando as formas geradoras do valor, ainda que sob a aparência do não valor, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação”. (ANTUNES, 2012, p. 07)

Assim, estes trabalhadores estão vinculados ao cemitério por meio de contratos de trabalho, os quais não tem acesso a este contrato, somente os contracheques que são oferecidos pela prefeitura e recebem 1 (um) salário mínimo no valor de R\$ 788, 00 (setecentos e oitenta e oito) reais, e devido ao baixo salários todos são unanimes em dizer que exercem outras atividades além do trabalho de coveiro.

Outro problema que esses trabalhadores enfrentam é a ausência de informação quanto a sua situação trabalhista. Estes profissionais desconhecem

quais são seus vínculos empregatícios com a prefeitura, se é repassado ou não sua contribuição para a previdência social. “Agente trabalha aqui e todo mês é descontado, o problema é que se eles repassam pro INSS, a gente pergunta e eles dizem que sim, se agente pede pra ver eles querem dar a conta” (entrevistado 1)

Durante a pesquisa questionou-se a eles se eles conheciam os benefícios do INSS e se sabiam como ter acesso a eles. Os trabalhadores foram unânimes em dizer que conheciam só as aposentadorias, e não sabiam quais eram os procedimentos que eram necessários para ter acesso a esses direitos.

Nesse sentido, desenvolvido juntamente com o Colegiado de Serviço social um projeto de extensão intitulado “**Os direitos sociais em movimento: ações de promoção e prevenção sobre saúde e direitos previdenciários para os trabalhadores de cemitério**”. Este projeto realizado juntamente com os trabalhadores do Cemitério São José, tinha por objetivo levar informações sobre saúde e os direitos sociais a estes trabalhadores.

Em uma das atividades foi solicitada o apoio da Assistente Social do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), no qual esclareceu duvidas destes trabalhadores em torno de seus direitos previdenciários, como é ilustrado na imagem abaixo.

Figura 11: Palestra do INSS



Fonte pesquisa de campo, 2014/2015

Durante a visita da assistente social no Cemitério os trabalhadores, questionaram questões em torno dos benefícios sociais existentes, as formas que poderiam ter acesso, as novas reformas que a previdência está sofrendo, e principalmente se a prefeitura estava repassando sua contribuição.

Boschetti chama atenção para a questão dos direitos de cada trabalhador, para ela isto constitui-se como uma forma de reduzir as desigualdades existentes.

direitos derivados do trabalho, como seguro desemprego, aposentadorias, pensões e seguro saúde, também instituiu diversos benefícios assistenciais, com intuito de reduzir desigualdades e responder à satisfação de necessidades básicas e específicas” (BOSCHETTI, 2009, p. 7).

Os direitos trabalhistas são frutos de muitas lutas dos grupos organizados, é uma forma de diminuir as desigualdades existentes e assegurar ao trabalhador que seus direitos não sejam violados pelo empregador. A informação é um dos princípios que asseguram a credibilidade, a transparência das ações das instituições, as quais são negadas aos trabalhadores do cemitério, como é percebido nas falas dos entrevistados.

Foi muito bom, ela falando eu vi que muitos direitos eles não existem aqui, olha as férias, é um direito, só que eles não cumprem e se agente for reclamar eles dizem tem muitos que querem. (Entrevistado 1)

Eles não dão informação é maior burocracia, as vezes temos que passar pro administrador porque eles mesmo não querem falar com agente, quando eu vou e pergunto alguma coisa eles falam vai falar com o fulano e eu vou chego lá e nada e fico feito ping pong. (entrevistado 3)

Olha é difícil, porque você pode adoecer aqui no trabalho e eles não estão nem ai, já fiquei doente e tive que tirar tudo do meu bolso, a minha mulher teve que se virar. Ai a assistente social falou que é responsabilidade do empregador em caso de acidente de trabalho, mais aqui isso não existe. (Entrevistado, 4)

Os coveiros são uma categoria de trabalhadores que encontra-se em situação de precarização de suas relações sociais com os seus empregadores, já que não existe um dialogo aberto, ao contrario, o medo de punições e demissões e o sentimento que instalou-se neste trabalhadores.

Durante a pesquisa observou que não existe por parte da prefeitura qualquer ação de prevenção contra acidente, não é repassado a eles equipamentos de segurança, como também ações de saúde, já que eles estão expostos a insalubridade em seu local de trabalho.

O projeto de extensão “**Os direitos sociais em movimento:** ações de promoção e prevenção sobre saúde e direitos previdenciários para os trabalhadores

de cemitério”, contou também em uma de suas ações com o trabalho da equipe de saúde do Centro de Saúde Dom Arcangelo, que levou informações de prevenção em torno do trabalho desenvolvido por eles, auferiu a pressão, glicose, além de consultas com profissionais da saúde.

Figura 12: Ações de Saúde



Fonte: Pesquisa de Campo 2014/2015.

Essa (des) proteção vivenciada pelos coveiros reflete em suas relações familiares, são trabalhadores que desconhecem seus direitos trabalhistas, os benefícios do INSS, e estão invisíveis tanto para a sociedade e principalmente para que os empregas, os quais não buscam fazer nada para proteger sua saúde e empoderá-los através da informação de seus direitos sociais.

Por fim, estes trabalhadores estão vulneráveis a desinformação, a condições insalubres de trabalho, vivem em processo de precarização, baixos salários, condições, e estão expostos a diversos agentes que comprometem o seu desenvolvimento familiar e desarticular sua organização sóciopolítica, o qual será discutida no tópico seguinte.

3.3 As fragilidades da organização sociopolítica

A palavra política tem sua origem na Grécia antiga, através dos tempos essa palavra foi ganhando significado e incorporado no dia a dia dos homens. Segundo

Aristóteles todos os homens são por natureza seres políticos, pois vivenciam a política em seu dia a dia.

Contudo, cada um assume ideologias diferentes, crenças, bandeiras de lutas, os que apresentam-se em uma pluralidade no processo de organização sociopolítica, afim de assegurar oportunidades, crescimento para o grupo, auto estima, como discute Gohn.

A direção geral das ações coletivas caminha no sentido do chamado empowerment, o empoderamento de grupos e indivíduos via a capacitação política e organizacional, que leva ao resgate/crescimento da autoestima e à construção da identidade, assim como ao acesso a oportunidades de emprego e geração de renda [...]. o empoderamento torna mais fácil, também, o acesso aos serviços públicos, devido à difusão de informações que gera.” (GOHN, 2007: 58)

Os grupos permitem aos indivíduos o fortalecimento de suas causas, o crescimento da autonomia como é apontado por pela autora. Logo, essas classes de sujeitos organizados lutam em torno de um objetivo em comum, constroem a sua identidade através do coletivo e reivindicam seus direitos.

Autores como Gramsci (1974), as condições sociais, o processo histórico vivenciados pelos homens, sua história de luta, local de trabalho, seriam determinantes para a formação da mentalidade de lutas das classes sociais.

Para Alves (2013), classe social seria capacidade dos homens tornarem-se sujeitos históricos capaz da ação social e política, da negação da negação da alienação em suas múltiplas determinações, ou seja, seriam capazes de lutar e questionar as condições de trabalho em que são submetidos, da estrutura social em que vivem e outros.

Por vivenciarem condições de insalubridade em seu ambiente de trabalho, baixos salários e desproteção social, a pesquisa buscou conhecer dos trabalhadores do cemitério (coveiros), se estes já cogitaram organiza-se politicamente formando associação de trabalhadores de cemitério.

Formar como? Nós somos 4 coveiros, 2 administradores e 1 serviços gerais, se agente for reclamar de alguma coisa outro dia todo mundo ta na rua. Não existe isso pra quem não tem a segurança no trabalho. (entrevistado 1)

Não dar pra fazer isso aqui não, somos poucos, ai se você for falar alguma coisa no outro dia ta na rua. Eu tenho família pra sustentar. (Entrevistado 2)

Aqui não dar pra fazer isso. Quem ia apoiar agente? Somos invisíveis pra maioria das pessoas que vem aqui, só sabe que agente existe quando

temos que enterrar alguém. Se fossemos fazer associação agente ia pegar conta e ninguém ia sentir nossa falta.(Entrevistado 3)

Olha já pensei mais veja somos 9, aqui não dar pra fazer, se você falar alguma coisa de ruim corre o risco de ser mandado embora. Eu faço quando saiu daqui trabalho como segurança. Com eles montamos uma associação, la sim vejo que dar, porque somos vários e um protege o outro, diferente daqui, pois cada um é por si e deus toma conta de todos. (entrevistado 4)

As fala dos trabalhadores apontam a fragilidade de sua situação trabalhista, pois não tem a liberdade de questionar seus direitos previdenciários e trabalhistas, o medo de perder seus postos de trabalho aparecem como um dos indicadores da não efetivação de uma associação de trabalhadores, ficando assim em maior vulnerabilidade em quanto grupo social.

Por outro lado, esses trabalhadores exercem outras atividades além da função de coveiro, são moto taxi e seguranças e nestes grupos esses trabalhadores fazem parte das respectivas associação. “E diferente aqui somos vários, eu sei que uma associação protege o trabalhador e que seria bom pra gente coveiro, mais somos 9 que diferença faria demitir 9?” (Entrevistado 1)

Por fim, o medo e a insegurança trabalhista colocam os coveiros de Parintins em vulnerabilidade quanto a sua situação trabalhistas, já que não podem organizar-se quanto classe social, sofrem com baixos salários refletindo assim na precarização de seu modo de vida.

3.4 A perspectiva de futuro

No universo de trabalho nos cemitérios a morte é etapa final da vida, podendo ser para quem crer uma nova vida que se iniciar. Em meio a vida e a morte, os homens esbarram-se em sonhos, frustrações, conquistas, os quais compõem a trajetória humana. Neste sentido, a pesquisa buscou conhecer qual seria a perspectiva de futuro que estes trabalhadores vislumbram para sua vida.

Bem, o que eu penso pro meu futuro é sair daqui, penso em passar em algum concurso público, ter um cargo melhor, isso aqui não é vida pra ninguém. Quero me aposentar não como um coveiro. (Entrevistado 1)

Eu penso que aqui é o meu fim, não sei fazer outra coisa, já fiquei a tanto tempo. Na altura do campeonato ninguém quer dar emprego e ainda mais pra mim que não sei ler nem escrever, é o jeito se conformar com isso aqui. E depois de tanto anos eu gosto da minha profissão. (Entrevistado 2)

Eu quero ir embora daqui, já pensei varias vezes em pedir a conta desse trabalho. Tô ficando doente, salario é baixo e as condições aqui não são as melhores. Já pensei até de ir pra Manaus tentar a sorte por lá, vamos ver tô pensando nessa situação. (Entrevistado 3)

Minha expectativa pro futuro não é trabalhar aqui, quero ver se consigo montar um negocio próprio ou outro trabalho. Mais viver aqui o resto dos meus dias não dar. (Entrevistado 4)

As falas dos trabalhadores apresentam sua expectativa em torno de seu futuro, para a maioria dos trabalhadores continuar na profissão de coveiro não continua em seus planos. Assim, estes trabalhadores estão a espera de uma oportunidade para migrarem para outro campo de trabalho ou ate mesmo montar seu próprio negocio.

Por outro lado, a entrevista revelou que em um universo de 3 (três) trabalhadores que não se ver continuando o serviço de coveiro, 1 (um) revelou que apesar de tudo gosta da profissão, além disso, sabe que sua baixa escolaridade, é um dos determinantes que o impossibilitaria de almejar uma nova profissão no serviço público.

O trabalho com a morte coloca esses trabalhadores de frente com o sofrimento, tristeza, sonhos interrompidos. Contudo, mesmo em um ambiente de trabalho tão sofrido como é os dos coveiros esses trabalhadores continuam a cultivar seus sonhos e projetar em seus filho uma perspectiva de vida melhor. “eu sei que pra mim ta difícil sair daqui, mais eu tenho uma filha que é muito estudiosa, ela diz pra mim: pai vou te tirar dessa vida, então meu sonho é ver isso acontecer” (entrevistado 2).

Por fim, esses trabalhadores mesmo lidando com a etapa final da vida continuam a projetar sua vida em conquistas que vão além do trabalho como coveiro, são trabalhadores que com todas as limitação continuam a lutar para que ao fim de suas vida possam olhar para trás e perceberem o quanto a vida não foi em vão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 90 representou para o cenário brasileiro mudanças significativas e controversas, sobretudo no mundo do trabalho. Este processo fomentou a redução e desregulamentação de postos de trabalho, contratos temporários, perda dos direitos trabalhistas que refletiram na condição de vida e saúde da classe trabalhadora.

Através desse processo de precarização, as relações estabelecidas entre empregados e patrões acabam configurando-se como relações puramente mecânicas. Em muitos casos, essa precarização do trabalho tem trazido novas configurações de contratação como os trabalhadores terceirizados. Esses trabalhadores são contratados por um período de tempo e após o término do mesmo são dispensados de seu vínculo empregatício.

Por outro lado, os ambientes de trabalho também são determinantes para que esse trabalhador desenvolva risco a sua saúde, ou seja, a ausência de equipamento de segurança, a falta de higiene, excesso de peso e outros, são fatores que fazem com que a saúde do trabalhador fique mortificada.

Com os coveiros que trabalham no cemitério de Parintins não é diferente. Esses profissionais estão expostos as mais diversas situações em seu ambiente de trabalho. Agentes biológicos e químicos estão em todo momento acompanhando esses trabalhadores que, em sua maioria já adquiriam doenças devidas às condições em que estão submetidos.

Para o fim que se propõe, o trabalho verificou que esses trabalhadores de cemitério vivenciam a situação de precarização de suas condições de trabalho, seus direitos trabalhistas, condições dignas de execução de suas atividades, o que reflete de forma negativa na qualidade de vida. Contudo, a pesquisa continua em andamento, afim de poder compreender o universo em que estes trabalhadores estão inseridos e poder contribuir com informação junto a esses sujeitos.

Chama atenção para o fato de que são cidadãos inseridos no mercado de trabalho, contudo, seus direitos sociais não estão sendo garantidos conforme prescreve as leis trabalhistas. É necessário que o poder público assuma seu papel enquanto gestor e possibilite a esses trabalhadores melhores condições de trabalho e, conseqüentemente terão uma mais digna frente à conjuntura do sistema vigente.

Assim, sem pretensões de concluir, entende-se que a discussão aqui apresentada abre um campo, indubitavelmente a ser explorado.

REFERENCIAS

ALVES. Giovanni. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório: o novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha.** Disponível em: <http://www.giovannialves.org/Artigo_GIOVANNI%20ALVES_2010.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2013.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **O Caracol e sua concha: ensaio sobre a morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005

_____. **Adeus ao trabalho?:** Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do mundo do trabalho. 4ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP, 1997.

_____. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? », Configurações [Online], 7 | 2010, posto online no dia 18 Fevereiro 2012, consultado o 06 Maio 2015. URL : <http://configuracoes.revues.org/230>

BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T., Justo, T, Gomes, F.B. Silva, S.G.M. & Volpato, D.C. (2003). **Sintomas de estresse em educadores brasileiros.** Aletheia, 17/18, 63-72.

BOSCHETTI, Ivanete. **Seguridade social no Brasil: conquistas e limites à sua efetivação.** Texto escrito para o curso de especialização lato sensu em Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. CFESS/ABEPSS: 2009.

BRASIL. MTE/SPPE. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2002.** Brasília: MTE, 2002.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Lucia M. **O serviço social na reestruturação produtiva: espaços, programas e trabalho profissional.** São Paulo: Cortez, 2003.

GALEAZZI, Irene. **Precarização do trabalho.** In: CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. Dicionário de trabalho e tecnologia. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

HIRATA, Helena. **Tendências Recentes da Precarização Social e do Trabalho:** Brasil, França, Japão. CADERNO CRH, Salvador, v. 24, n. spe 01, p. 15-22, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Trabalho e indivíduo social no processo capitalista de produção. Trabalho e indivíduo social:** um estudo sobre a condição operária na agroindústria canavieira paulista. São Paulo, Cortez, 2001.

KOVÁCS, Maria Júlia; VAICIUNAS, Nancy; ALVES, Elaine Gomes Reis. **Profissionais do serviço funerário e a questão da morte.** PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2014, 34(4), 940-954

PADILHA, Valquíria. **Qualidade De Vida No Trabalho Num Cenário De Precarização:** A Panaceia Delirante. Revist. Trab. Educ. Saúde. Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 549-563, nov.2009/fev. 2014.

PESSOA, E. B.; FILGUEIRAS E. V.; LUCENA F. A. N.; MACIEL, M. L.; CALHEIROS, R. P.; CORREIA, W. F. M. Análise ergonômica do posto de trabalho do coveiro. In: **Anais do VII Congresso Latino Americano de Ergonomia – ABERGO.** Recife, Brasil, 2002.

PÊGAS, Dayana de J.; SANTOS, Fanny Eisenhut de Amorim; GUIJARRO, Janaina de Oliveira . **Saúde Ocupacional Dos Trabalhadores de Cemitérios.** Rev enferm. UFPE, Jan/Mar. 2014.

MARX, K. (1989a). **O capital, crítica da economia política:** Vol. 1. Livro 1. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia Científica.** 6 ed. 4 reimpr. São Paulo: Atlas, 2007.

MILLS, Writgh. O trabalho. In: **A nova Classe média (White Collor).** III parte. Cap. 10. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1969.

NAVARRO, Vera Lucia; PADILHA, Valquíria. **Dilemas do Trabalho no Capitalismo Contemporâneo.** Psicologia & Sociedade, n. 19, p. 14-20, 2007. Edição especial.

NORONHA. Eduardo G, **“Informal”, Ilegal, Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil.** RBCS Vol. 18 nº. 53 outubro/2003

SÁ, Teresa. **Precariedade e Trabalho precário: consequências sociais da precarização laboral.** Configurações [online], 2010. Edição de Fev. 2012. Disponível em: <<http://configurações.revues.org/203>> . Acesso em: 06 maio de 2013.

SENA, Ana Laura dos Santos. **As dimensões da Informalidade em Belém.** Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e população de rua no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2009.

TAVARES, Maria Augusta. **Trabalho informal: os fios (in)visíveis da produção capitalista.** Revista OUTUBRO, São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, n. 7, 2002.

VIDAL, Mario Cesar. **Ergonomia na empresa: útil, pratica e aplicada,** 2º Edição – Editora Virtual Ciêntificam – Rio de Janeiro 2002

ANEXOS





